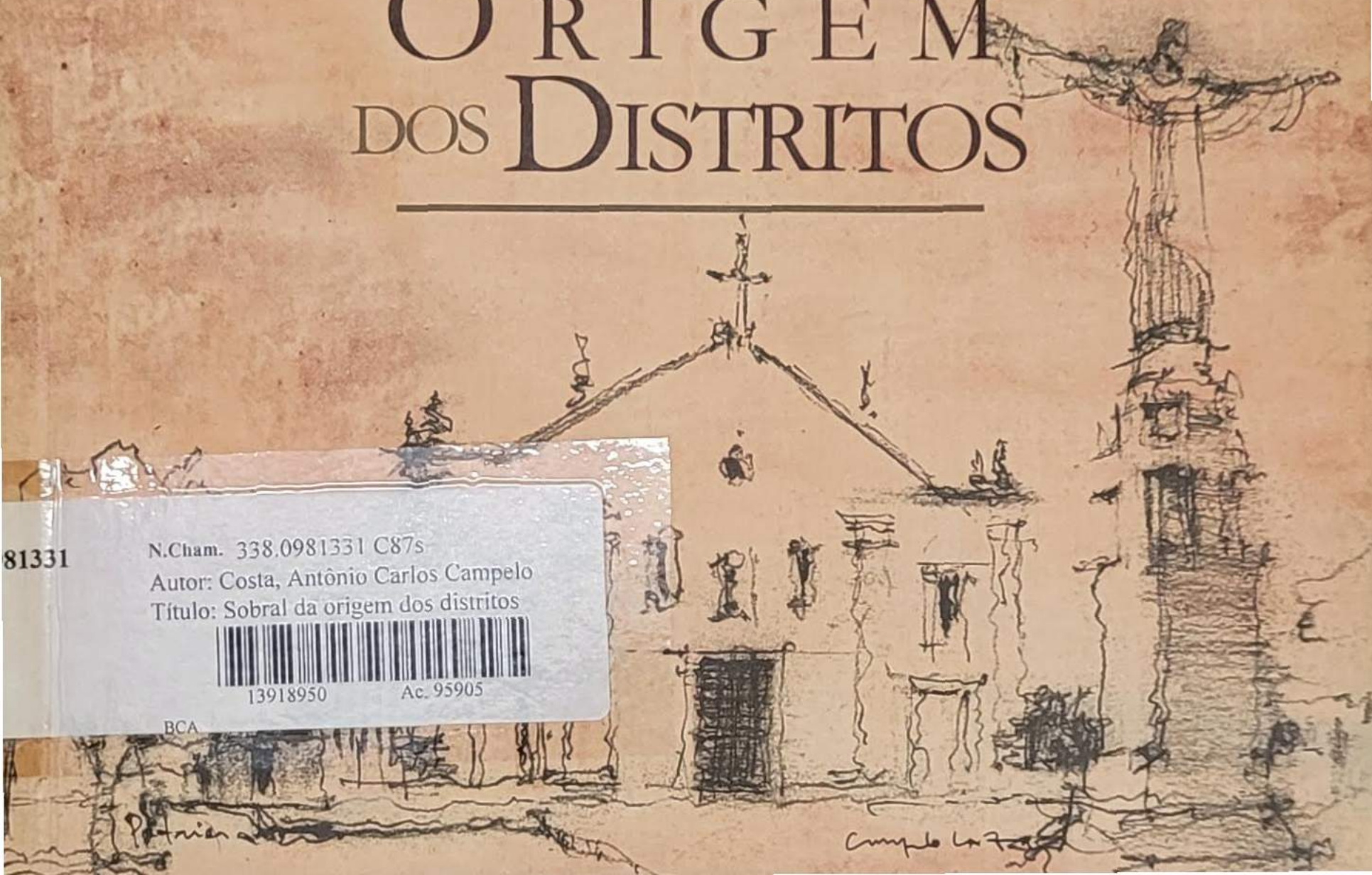
Antonio Carlos Campelo Costa
Herbert de Vasconcelos Rocha

Sobral da Origem dos Distritos



81331
N.Cham. 338.0981331 C87s
Autor: Costa, Antônio Carlos Campelo
Título: Sobral da origem dos distritos
13918950 Ac. 95905
BCA

Antonio Carlos Campelo Costa, Arquiteto, Secretário de Planejamento e Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente de Sobral. Exerceu funções públicas em diversas instituições Municipais e Federais. Assim como, compôs e Presidiu Delegações do Instituto de Arquitetos do Brasil - IAB, a Congressos Internacionais realizados pela União Internacional de Arquitetos e Federação Panamericana de Arquitetos.

Como arquiteto autônomo ou em equipe executou projetos e obras no Ceará e em outras regiões do país, destacando-se os projetos de restauro, adaptação e requalificação urbana para Sítios Históricos Tombados no Âmbito Federal, nas Cidades de Sobral, Icó e Aquiraz.

Desenvolvendo também, projetos do mesmo caráter nas cidades de Quixeramobim, Massapê, Aracati e Limoeiro do Norte.

Entre as honrarias e premiações que recompensam o seu trabalho, ganham relevo: Premiações no Salão de Abril em Fortaleza e Premiações em Concursos Nacionais e Internacionais de Arquitetura.

Recebeu diploma de reconhecimento outorgado pelo Governo do Estado de Morelos e a Federação de Colégios de Arquitetos do México, *Medalha Bonicário Ferreira* outorgada pela Câmara Municipal de Fortaleza, *Votos de Louvor e Mérito* emitido pelo IAB, Sala Especial na 6ª Bienal Internacional de Arquitetura em São Paulo, 1º Lugar e Menção Honrosa na categoria Intervenção Urbana da Margem Esquerda do Rio Acaraú e da Biblioteca Pública Municipal, respectivamente, ambos de Sobral-CE.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO
BIBLIOTECA

SOBRAL DA ORIGEM DOS DISTRITOS

POR

ANTONIO CARLOS CAMPELO COSTA

HERBERT DE VASCONCELOS ROCHA

Acervo 95905
Exemplar 13918950
15/12/2008

338.0981331
C87p

Uma Publicação da Prefeitura
Municipal de Sobral

Julho de 2008.

Desenhos
Antonio Carlos Campelo Costa

Revisão Final
Antonio Carlos Campelo Costa
Maria do Carmo Alves

Organizadora
Maria do Carmo Alves

Colaboradora
Andrea Nóbrega da Cruz

Projeto Gráfico
Richardson Vasconcellos

Revisão Ortográfica
Maria do Livramento Dias de Oliveira

Impressão
Sobral Gráfica e Editora Ltda.
Tiragem: 1.000 exemplares
Capa: Papel Color Plus Marfin 240g
Miolo: Papel Chamois 80g
Acabamento: Brochura

Sobral - Ceará - Brasil
2008

Edição Especial de Lançamento

© Direitos Autorais, 2008 de Campelo Costa e Herbert Rocha.
© Desta Edição, 2008.

Dados da Catalogação

COSTA, Antonio Carlos Campelo; ROCHA, Herbert de Vasconcelos.

Sobral da Origem dos Distritos. Sobral-CE.

Sobral Gráfica e Editora Ltda., 2008.

ISBN: 978-85-60474-04-02

PREFEITURA MUNICIPAL DE SOBRAL

José Leônidas de Menezes Cristino
Prefeito

José Clodoveu de Arruda Coelho Neto
Vice - Prefeito

Antonio Carlos Campelo Costa
Secretário de Planejamento e Desenvolvimento
Urbano e Meio Ambiente

Luís Fernando Viana Coelho
Secretário Adjunto de Planejamento e Desenvolvimento
Urbano e Meio Ambiente

Andrea Nóbrega da Cruz
Coordenadora do Centro de Estudos Urbanos e Gestão do Sítio Histórico

Maria do Carmo Alves
Gerente do Centro de Estudos Urbanos e Gestão do Sítio Histórico

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO 09

INTRODUÇÃO

Passemos à História 13

Parte 1 – Sobral da Origem dos Distritos

I – Distrito 19

Cidade

As Freguesias

II – Os Caminhos Antigos 24

III – As Picadas do Telégrafo 54

IV – A Estrada de Ferro 55

V – As Obras Contra as Secas 66

Parte 2 – Da Evolução da Sede de Sobral

I – Do Gado Veio o Comércio 75

II – A Estrutura Urbana do Início do Século XIX 84

III – O Algodão 86

IV – A Diocese 91

V – Os Primeiros Códigos de Postura 96

VI – A Indústria de Óleos 98

VII – O Becco do Cotovelo 104

VIII – A Ponte Othon de Alencar 106

IX – O Intra Trilhos 107

X – A Energia Elétrica 108

Parte 3 – Os Planos Diretores de Sobral

I – O Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de 2000 111

À Guisa de Conclusão 113

Anexos 115

Igreja das Dores

Apresentação

S o b r a l . . .

Sempre foi cidade sóbria e altaneira.

Sempre viveu esta atmosfera febril que lhe marca a existência.

O que mudou foi a escala. A dimensão dos acontecimentos e a formidável cadeia de elementos que, em conjunto envolve toda sua vida pública e privada.

Tudo ao redor de Sobral, do calor ao esplendor do sol, é sempre novo, promissor e crescente, como se espera de um lugar que se reinventa.

Primor e posto avançado de civilização a realçar as qualidades de seu povo.

De frente às majestosas torres brancas de suas Igrejas ou debaixo de um céu suspenso bem acima de nossas cabeças, é bom assistir ao espetáculo das cores se desmanchando, ao correr do ano, pelas encostas de suas serras, ou desfrutar de cintilantes pontos de vistas da paisagem desta cidade que se aninha amistosa entre o sopé da Meruoca e as águas do Acaraú.

Pois bem, de posse das responsabilidades de coordenar a revisão do Plano Diretor Participativo de Sobral, evidenciou-se para a equipe a necessidade de incorporação àquele texto legal, de estudos relativos aos Distritos sobralenses, às suas configurações espaciais e naturalmente às prioridades de suas populações.

Esta iniciativa deu lugar a uma descoberta extraordinária. A descoberta de um punhado de localidades onde se erguem despretensiosas construções a realçar as qualidades inquestionáveis de uma arquitetura cabloca, anônima, sem autor. Espalhadas pelos quatros cantos do Município.

Tais edificações constituem um acervo a ser protegido e preservado em nome do valor intrínseco de sua existência, como obra do homem e marco da ocupação do nosso interior.

Neste ponto, gostaria de afirmar, que pode parecer presunção falar de um aspecto particular da minha vida profissional, do meu trabalho.

Assim mesmo gostaria de deixar registrado que me considero um desdenhador e como tal, munido de caderno e lápis, desenho aquilo que comove, fere

a vista ou a minha sensibilidade. Tenho feito isso pelo mundo afora.

Guardo particular interesse pelos pequenos lugarejos, pelo casario simples que se acomoda com sabedoria na paisagem circundante; assim como gravam-se em meus olhos, da mesma forma, as obras de vulto, a grande cidade e seus espaços cintilantes.

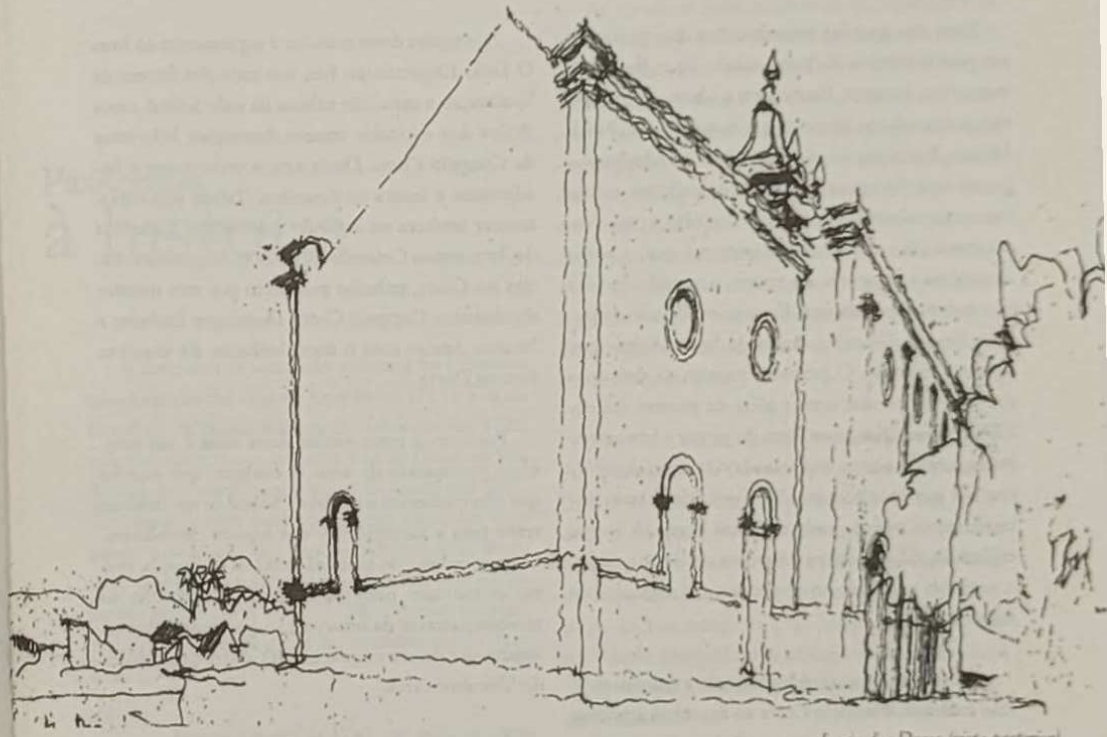
Foi assim a minha descoberta dos distritos de Sobral.

Foi assim também, o nascimento desta parceria entre os autores deste livro.

Vale apena ler estes textos em conexão com as imagens riscadas a lápis.

A singularidade de seus objetivos didáticos, a solidez das reflexões contidas aqui, abrem, descortinam, um processo de descoberta a quem se interessar pela nossa história. E configura ainda, sólida intenção de estabelecer junto às Instituições Culturais do Município um programa que poderá intitular-se "Sobral Redescoberto". As páginas arrumadas aqui, certamente se incluem, como um dos vários passos na direção do fortalecimento do interesse público na manutenção da inteireza da História de Sobral e da integridade de seu Patrimônio Cultural e Histórico.

O universo da história dos Distritos é observado muito de perto e estudado com muita atenção. É notável que, em vista de tais circunstâncias, a história dos cenários primitivos da ocupação territorial de Sobral surjam com tanta intensidade e vigor.



Igreja das Dores (vista posterior)
Sobral-CE

Introdução

Uma das grandes contribuições dos portugueses para a história da humanidade foi o desbravamento dos oceanos. Entretanto o idioma português não se consolidou como língua dominante no Novo Mundo. Raros são os exemplos de vocábulos portugueses que deram origem a outras palavras aceitas internacionalmente. A palavra desenho é um desses casos de raridade etimológica em que, a partir da origem portuguesa do termo, o sentido daquilo que se quer dizer universalizou-se resultando na palavra design. Desenho deriva do latim *designiu* que significa intenção. O primeiro registro da definição da palavra desenho com a idéia de projeto foi em 1571 na obra *Diálogos em Roma* do pintor e humanista português Francisco de Holanda. O termo desenho como é corrente hoje em dia, confunde-se com debuxo, muito pouco usado na nossa língua. A língua espanhola difere bem os conceitos de *diseño* e *dibujo*, o primeiro referindo-se ao projeto e o segundo, ao traço.

O desenho a que se refere esta obra tem um sentido translato. Campelo Costa ao desenhar aspectos da arquitetura dos distritos de Sobral, incorpora a homenagem àqueles que desbravaram os sertões e construíram nossa singela arquitetura e à semântica da representação daquilo que já é fato: não mais o desenho do projeto, mas a releitura do que fomos.

A pesquisa deste trabalho é suplementar ao livro O Lado Esquerdo do Rio, que trata dos fatores de localização e expansão urbana da sede Sobral, cujos títulos dos capítulos trazem ilustrações belíssimas de Campelo Costa. Desta vez, o texto é que é coadjuvante e ilustra os desenhos. Talvez seja suplementar também ao segundo volume dos Cadernos de Arquitetura Cearense *Desenhos: Arquitetura Antiga no Ceara*, trabalho publicado por três mestres do desenho: Campelo Costa, Domingos Linheiro e Nearco Araújo com o texto brilhante do arquiteto Romeu Durte.

Portanto, a parte escrita desta obra é um acessório oportunista da arte. É evidente que aqueles que não conhecem a região de Sobral se apoiarão no texto para a identificação dos lugares desenhados. O oportunismo do texto não está na ilustração, mas em contar uma parte da história da ocupação do território através da urbanização que consolidou os lugares que deram origem às vilas, distritos e cidades do Vale do Acaraú.

Passemos à história

A incipiente urbanização cearense teve começo com a criação das vilas de Aquiráz em 1713 e Vila da Fortaleza de NossaSenhora da Assunção em 1726, *substituindo* a pequena antiga Vila do Ceará ou Vila de São José do Ribamar que fora criada em 1699. Em seguida, mais duas vilas foram instaladas marcando a ocupação dos sertões pela pecuária, tendo o rio Jaguaribe como principal vetor, em cujo trecho médio implantou-se o Icó (1738) e, *posteriormente*, o Aracati (1748), já quase no encontro do rio com o mar.

Houve a partir de 1757, um esforço administrativo da coroa portuguesa em acelerar a criação de vilas em toda a colônia. Até então, as determinações urbanísticas da metrópole para suas colônias, não se faziam sentir tanto quanto no tempo da administração do Marquês de Pombal, sobre a qual vale discorrer brevemente uma vez que lá estão os antecedentes normativos da urbanização brasileira.

As primeiras ações efetivas de planejamento urbano no Brasil datam da metade do século XVIII, quando reinava em Portugal, D. José I. Em 1750, D. José I nomeou Sebastião José de Carvalho e Melo como Secretário dos Negócios Estrangeiros, experiente diplomata desde o reinado anterior, quando fora nominado de Conde de Oeiras (1759) e posteriormente Marquês de Pombal (1769), nome pelo qual ficou conhecido. Neste cargo, Pombal conduziu a execução do importante Tratado de Madrid, acertado em 1749 e assinado em 1750, que revogava Tordesilhas e redefinia as fronteiras luso-espanholas na América do Sul.

Em 1751, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, fora nomeado Governador e Capitão-Geral do Estado do Grão-Pará e Maranhão. Mendonça Furtado, que era irmão do então secretário real, sugeria ao monarca diretrizes específicas sobre a administração da Amazônia, as quais foram externadas na Carta Régia de 3 de março de 1755 que criava a Capitania e a Vila de São José do Rio Negro (futura Província do Amazonas), marco da implementação do Tratado de Madrid.

Dada sua importância diplomática, a referida carta baseou o Alvará Régio de 8 de maio de 1758, que estendia ao Estado do Brasil as determinações urbanísticas das novas vilas a serem erguidas na colônia.

Em novembro de 1755, um violento terremoto destruiu a terça parte dos prédios de Lisboa. Sebastião José de Carvalho e Melo, o Marqu s de Pombal, foi então encarregado de executar o plano de reconstrução, com amplos poderes outorgados pelo rei. Em 1756, foi nomeado Secretário de Estado dos Negócios do Reino de Portugal, equivalente hoje ao cargo de primeiro-ministro.

Com a ascensão de Sebastião José de Carvalho e Melo teve início a lusitanização do Brasil. Valendo-se inicialmente do Padroado e da condição de Secretário de Estado de Portugal, intensificou a ação dos padres visitadores que relatavam ao reino a situação dos sertões. Em 1756, substituiu os jesuítas no papel de confessores por padres de sua confiança. Em 1759, expulsou a Companhia de Jesus dos domínios portugueses. No mesmo ano, criou as Companhias de Comércio de Pernambuco e da Paraíba nos moldes da Companhia do Maranhão, criada em 1755.

Nesse ambiente de centralização administrativa do período pombalino é que foram criadas as novas vilas reais da colônia, todas com nomes tipicamente lusitanos. Algumas delas eram oriundas de povoados formados por brancos reinóis ou colonos e por isso foram chamadas de "vilas distintas", como foi o caso de Sobral, em diferenciação às "vilas de índios" que substituíram as missões jesuíticas.

Na maioria dos casos, as instalações das vilas eram precedidas do desenho de suas plantas que preconizava o traçado xadrez ou pombalino, decorrente das intervenções urbanísticas empreendidas na reconstrução de Lisboa.

Sobral foi um caso *sui generis* nesta história. Seu traçado mistura a malha ortogonal com a anterior irregularidade espontânea, determinada pelos caminhos do gado que, por puro atavismo, reeditaram uma trama urbana semelhante às cidades medievais do Velho Mundo.

O traçado pombalino só foi efetivamente implantado em Sobral em 1860, a partir do Plano Urbanístico elaborado pelo engenheiro Giacomo Raja Gabaglia, membro da Imperial Expedição Científica que estivera no Ceará entre 1859 e 1861, como será abordado mais adiante.

Em 1880, por ocasião da implantação da Estrada de Ferro de Sobral, foram elaboradas plantas de várias cidades por onde passaria a estrada oriunda do porto de Camocim. Figuram em uma única prancha dos desenhos de Camocim, em 1878 e 1880 com impressionante crescimento urbano as cidades de Granja, Santana, Sobral e as povoações de Remédios e Vila de São José, sede do atual Distrito de Patriarca do Município de Sobral. Neste desenho da cidade de Sobral já se verifica a ortogonalidade das novas áreas e a implantação afastada da nova cadeia pública e do cemitério, embora o documento não tenha sido elaborado com a finalidade de planejamento urbano. Observa-se também que algumas áreas da cidade, ainda hoje remanescentes com características construtivas dos séculos XVIII e XIX, não foram representadas.

A importância de Sobral na hierarquia urbana do território cearense, desde o século XVIII é naturalmente considerada ao longo de todo este trabalho, destacando-se seu apogeu em meados do século XIX e a perda de sua hegemonia caracterizada pela construção da ponte sobre o rio Acaraú em 1935, completando a ligação rodoviária com Fortaleza.

Outras cidades cearenses experimentaram esta involução sócio-econômica, provocada pela convergência das estradas para a Capital que, rapidamente, obsoletou os empórios sertanejos que prosperaram nos séculos XVIII e XIX.

O declínio socioeconômico e político sobralense acentuou-se na segunda metade do século XX.

A partir da década de 60 apresentou a problemática urbana característica das cidades brasileiras no período.

Por iniciativa do governo do Estado e formulado em bases muito centralizadas pela Superintendência de Desenvolvimento do Estado do Ceará - SUDEC Sobral ganhou um Plano Diretor em 1967, que virou letra morta nos anos seguintes.

O chamado "Milagre Brasileiro" da década de 70 do século passado não aconteceu no Ceará. Houve sim uma queda do Nordeste na participação do PIB nacional, sendo muito mais significativa no Ceará. O Estado viu sua participação despencar para quase metade (de 2,22% em 1965 para 1,29% em 1975).

Apesar da economia adversa, algumas cidades cearenses continuavam a crescer taxa de urbanização até 5% ao ano. Foi o caso de Sobral.

A estrutura urbana da metade do século em diante adquiriu rapidamente grande complexidade. A intensa urbanização trouxe o aumento dos bolsões de pobreza, que cercam a cidade, e uma expansão da malha urbana que não encontrou correspondência na qualidade espacial da zona central e nos serviços de infra-estrutura. A população da cidade aumentou em mais de cinco vezes na segunda metade do século XX.

Na última década do século passado o Governo do Estado do Ceará definiu sua política urbana que através do Programa de Urbanização PROURB-BID, financiou Planos Diretores de Desenvolvimento Urbano para 44 municípios escolhidos, dentre eles Sobral, cujo PDDU contou com a participação de vários segmentos da população e teve implementados vários projetos estruturantes privilegiando apenas a sede do município.

Sobre a origem da cidade de Sobral há, portanto, muitos registros já estudados. Entretanto, muitas das aglomerações urbanas que formam as localidades, vilarejos e vilas de seu Município ainda carecem de sua história escrita. Além da sede de Sobral, apenas os distritos de Patriarca e Aracatiaçu têm informações documentadas e acessíveis sobre sua formação.

Os fatores de localização e expansão das demais vilas que sediam os distritos do Município de Sobral serão identificados no processo de revisão do Plano Diretor, uma vez que as propostas devem considerar todo o território municipal. Desta forma, a abordagem inicia-se pelo conceito atribuído às principais divisões administrativas do município.

Em seguida apresentam-se algumas hipóteses sobre a formação destes lugares, apoiadas nos paradigmas:

- dos antigos caminhos do gado e do telégrafo e;
- das obras contra as secas.

O texto DA ORIGEM DOS DISTRITOS que é contemplado em três partes tem, portanto, uma organização mais temática do que cronológica destacando em letras maiúsculas os distritos que atualmente compõem o Município de Sobral, inclusive a sede.

Sobral da Origem dos Distritos

Parte 1

Da origem dos distritos

I - DISTRITO

Distrito designa atualmente uma divisão de um determinado território, que pode ser de natureza política, administrativa, militar, judicial, fiscal, policial ou sanitária. O *termo Distrito* é usado desde a Idade Média e significa uma área administrativa cujos limites são conhecidos.

No Brasil, os municípios são divididos em distritos e estes, mais raramente, em subdistritos. Hoje, significa uma fração administrativa do território do Município. Em Sobral, as frações administrativas são: cidade (sede) com perímetro urbano definido e distritos com sedes urbanas e localidades.

CIDADE

A cidade é o principal núcleo urbano do distrito-sede, caracterizado por abrigar a Câmara Municipal e o Paço Municipal, símbolos da autonomia administrativa. No século XVII a Vila brasileira tinha foro de Município, uma vez que era representada pela Câmara, entretanto, não havia o Paço Municipal. O Capitão-Mor equivalia ao prefeito. Atualmente o Brasil adota o conceito de cidade do IBGE. "Segundo tal critério, qualquer comunidade urbana caracterizada como sede de município ou de distrito pode ser considerada uma cidade, independentemente de seu número de habitantes." *(Wikipédia, A Enciclopédia Livre, verbete CIDADE em 09-09-06).*

AS FREGUESIAS

Atualmente em Portugal, a Freguesia é a menor unidade administrativa do território do Concelho ou Município. As Freguesias portuguesas são a representação civil das antigas paróquias ou curatos, equivalentes a um Distrito na forma como se conhece hoje na estrutura administrativa brasileira. No Brasil, a freguesia era uma divisão territorial eclesiástica.

Mas no começo não era assim... Ao tornar-se Romana, a Igreja Católica enfrentou sérios problemas internos relativos à influência do imperador de Roma na unificação doutrinária dos reinos da Europa que logo passariam a se entender como A Cristandade. Insatisfeitos com o comportamento

mundano de muitos líderes da Igreja, alguns clérigos criaram uma regra de conduta de vida mais rígida, instituindo uma Ordem.

"Diziam-se religiosos "seculares" porque viviam no século (saeculum), isto é, integrados às gerações de fiéis, à sociedade, ao mundo. O clero "secular" devia obediência aos bispos. Estes, de acordo com o regime do padroado, eram nomeados pelos reis, impondo-lhes, portanto fidelidade à Coroa. Já o clero "regular" assim se denominava porque devia obedecer a regras (regulae) monásticas. Seus membros formavam congregações, geralmente, com sede em Roma. Os jesuítas, por haverem jurado obediência ao Papa, somente a este prestavam contas de sua ação, tendo como intermediários seus superiores gerais, que os representavam. Explica-se assim, em parte, a extinção da Ordem no mundo lusitano e em outros países, já que a Companhia não vacilava em se confrontar com o poder real, absolutista, tantas vezes a ele se sobrepondo." *(CASTRO, 1999, p. 41).*

Uma das mais ricas ordens religiosas da Idade Média era a dos Cavaleiros do Templo, extinta em 1312 pela bula Vox in Excelso do Papa Clemente V, pois a ordem chocava-se com os interesses do rei de França Filipe, o Belo, que exercia grande influência sobre o Papa. Uma bula papal subseqüente do mesmo ano, Ad Providam, determinou que o patrimônio dos templários passasse para a outra ordem militar, a Ordem do Hospital de São João, excetuando-se as propriedades em Aragão, Castela, Maiorca e Portugal.

"Em Portugal, a Ordem do Templo, com permissão do papa, tinha se reorganizado como a Ordem de Cristo" *(READ, 2001, p. 338).*

Os reis de Portugal tinham o controle da nova Ordem desde sua origem, pois indicavam o grão-mestre. Em 1420, o Infante D. Henrique, filho do rei D. João I, foi empossado como Grão-Mestre da Ordem de Cristo. Embora o rei ainda não arrecadasse o dízimo, as receitas da Ordem tanto foram aplicadas no combate aos mouros, como deram continuidade aos empreendimentos marítimos da Escola de Sagres da qual fora fundador.

Aos poucos o poder eclesiástico da Ordem de Cristo foi-se confundindo com o poder da coroa portuguesa dando origem ao Padroado. Em 30 de dezembro de 1551 uma bula papal uniu definitivamente a Coroa Portuguesa à Ordem de Cristo.

"No direito eclesiástico, Padroado quer dizer soma de privilégios e vantagens concedidas pelo Papa aos fundadores de templos ou instituições em favor da dilatação da fé e da manutenção do culto. Como outros governantes cristãos, os reis portugueses (e nossos imperadores, nisso se consideravam seus herdeiros) haviam sido agraciados pelos papas com o título e os direitos de patronos das igrejas estabelecidas nas áreas conquistadas para a fé, como reconhecimento pelo seu esforço e empenho em favor da dilatação da Religião nessas regiões. Entre os privilégios que assim adquiriram, havia o de promover a criação de dioceses e de apresentar eclesiásticos para seus pastores, tudo na dependência da confirmação do Papa, como também o direito de receber os dízimos, pagos pelos fiéis. Este sistema – o do Padroado – se trouxe reais vantagens para a Igreja, como o interesse em subsidiar a religião e o culto por parte do Governo, não deixou, por outro lado, de apresentar sérios inconvenientes, como o da ingerência do poder civil em assuntos fora de sua competência, no terreno eclesiástico." *(LIMA, 2005, p. 1).*

Sucintamente, a Igreja do rito romano secular esquadrinha o mundo em províncias eclesiásticas compostas de dioceses que se subdividem em paróquias e estas em capelas e santuários. Outras denominações territoriais são possíveis e remontam os tempos do Padroado, onde o termo freguesia é o mais antigo e tem aplicação genérica identificando um agrupamento territorial de católicos. No Brasil, o termo ganhou importância honorífica e passou a confundir-se com paróquia e curato, já em Portugal, onde a extinção do Padroado só se deu no século XX, as Freguesias ratificaram-se como unidades administrativas do território.

"Como resultado do povoamento das terras interiores e da ocupação das que sucessivamente eram conquistadas, nasceram novas paróquias, sempre à sombra e com a ajuda da igreja, única realidade com que podiam contar, perante o isolamento que os rodeava e o pouco ou nenhum poder que detinham. Por esta razão, os paroquianos passaram, também, a ser chamados filhos da igreja (filii ecclesiae), donde derivaram os termos filigreses e fregueses, chamando-se à congregação dos fregueses, ou filhos da igreja paroquial, a freguesia." *(ESTEVES, 2005).*

A Igreja no Brasil Colônia vivia, portanto, sob o regime do Padroado. Assim, em 1551, foi criada a Diocese de São Salvador da Bahia, a Primaz do Brasil. Desta Sé derivam as demais dioceses brasileiras. Em 1676 foi elevada à Arquidiocese e em 1677 foram criadas a partir dela a Diocese do Maranhão e a de Olinda, sob qual a futura Sobral, estaria eclesiasticamente subordinada.

"Muito tempo viveu esta gente entregue a si mesmo, sem figura de ordem nem de organização. Como eram católicos e a igreja à freqüência dos sacramentos, naturalmente qualquer vigário ou algum mais animoso, mais zeloso ou mais cúpido saía de tempos em tempos a desobrigar as ovelhas remotas. Depois da instalação do arcebispado da Bahia, criaram-se freguesias no sertão, enormes, de oitenta, cem léguas e mais. Ali era cobrado o imposto meio civil meio eclesiástico do dízimo." *(ABREU, 2006).*

O clero regular também acompanhava as expedições colonizadoras. Das ordens religiosas envolvidas nesta empresa destacavam-se os Jesuítas que fundaram em 1608 uma missão indígena na Serra da Ibiapaba, uma das maiores da América Latina, originando posteriormente a cidade de Viçosa.

No início da colonização do Ceará, a Ribeira do Acaraú estava sob a jurisdição da Freguesia de São José do Ribamar, atual Fortaleza. Durante a maior parte do século XVII não foi registrada ocupação permanente na Ribeira do Acaraú, por isso as visitas pastorais só tiveram início a partir de 1700.

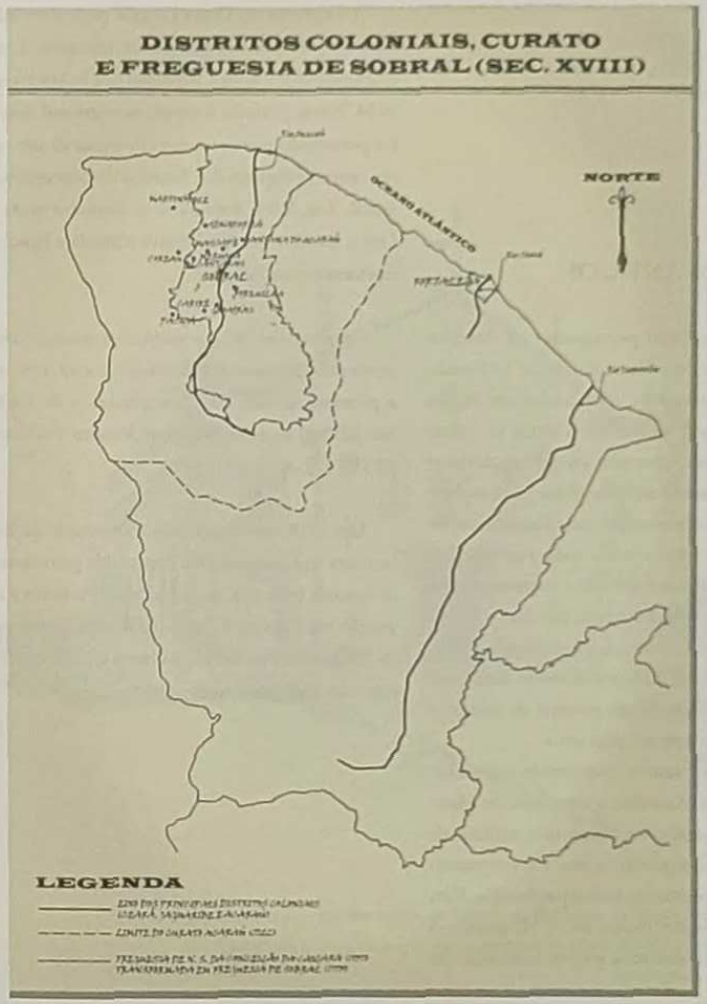
Desta forma foi criado, em 1722, o Curato do Acaraú com sede inicial na Capela da Fazenda São José (atual Distrito de Patriarca, Município de Sobral), transferindo-se depois para o Arraial da Caiçara, centro da Ribeira do Acaraú, hoje cidade de Sobral.

O Curato tinha um território que ia da Ibiapaba até o rio Mundaú e abarcava as ribeiras do Coreaú, Acaraú, Aracatiaçu e parte do Mundaú.

Em Provisão do Bispado de Olinda de 7 de julho de 1757, o Curato do Acaraú foi desmembrado em quatro freguesias.

a. Freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Caiçara, transformada em Freguesia de Sobral em 1773, tendo passado por outras subdivisões nos séculosseguintes;
b. Freguesia da Amontada, inicialmente com invocação de Nossa Senhora da Conceição e posteriormente de São Bento;
c. Freguesia da Ribeira do Coreaú. Essa Freguesia, pelo menos até que houvesse condições de funcionalidade, teria como sede provisória a Capela de Santo Antônio de Pádua do Olho D'Água (Arakém), com edificação posterior na Vila de Granja.
d. Freguesia de São Gonçalo da Serra dos Cocos.

Antes da construção da Matriz da Caiçara, os visitadores apoiavam-se na capela da fazenda São José em PATRIARCA, que funcionou como matriz provisória.



Distritos Coloniais, Curato e Freguesia de Sobral Séc. XVIII.

II - OS CAMINHOS ANTIGOS

Em 1621 as colônias portuguesas na América compunham-se de dois Estados Gerais: O Estado do Grão-Pará e Maranhão, com capital em Belém e o Estado do Brasil, governado a partir de Salvador. Esta divisão administrativa da colônia devia-se à dificuldade de comunicação marítima entre as duas capitais. Os ventos costeiros da parte setentrional do nordeste brasileiro sopram quase todo o ano de leste para oeste, no mesmo sentido que a corrente marítima. A navegação à vela oriunda de São Luís e Recife era, por assim dizer, empurrada para o Caribe e de lá alcançava os portos de Lisboa com certa facilidade. Viajar pelo mar a leste só era possível de janeiro a março. Outro agravante costeiro era a

animosidade dos índios Tremembés cujo território iniciava-se no Maranhão e terminava no Mundaú. Tal situação urgia a descoberta de caminhos alternativos por terra seguindo os rios e aproveitando as picadas já conhecidas dos índios pacificados. Esta divisão em dois estados durou até 1774, quando o Marquês de Pombal decretou a nova unificação do Brasil.

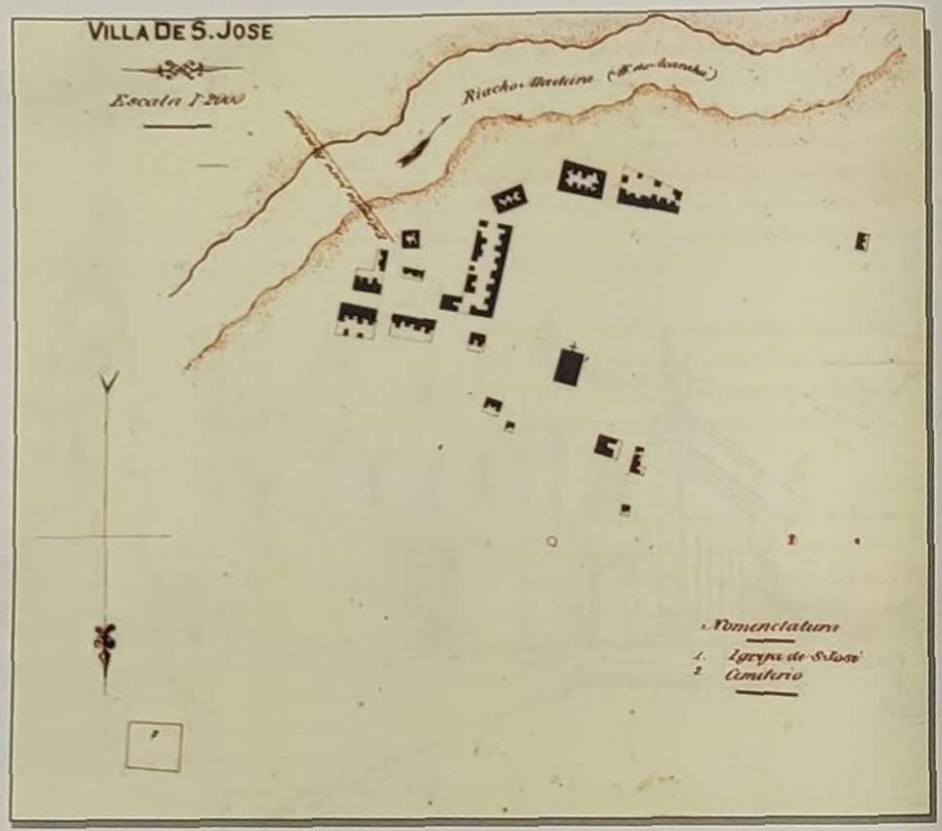
A Capitania do Ceará-Grande pertenceu inicialmente ao Estado do Maranhão, passando à tutela de Pernambuco após a expulsão dos holandeses em 1654. Neste período o sertão setentrional cearense foi percorrido por europeus em busca de um caminho entre as capitais dos Estados do Maranhão e do Brasil. Em 1674, formou-se o caminho entre São Luís e Recife e em 1685 estava trilhada a ligação ludovicense com Salvador.

Somente em 1697, a partir da expedição militar de reconhecimento da Ribeira do Acaraú, teve início a pecuária no vale com a implantação da Fazenda São José no lugar onde hoje se localiza o distrito de PATRIARCA.

Em 1718 uma capela sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição foi construída pelo sesmeiro da fazenda Félix da Cunha Linhares. Patriarca é a povoação mais antiga do Vale do Acaraú. Documento de 23 de outubro de 1739 chama-lhe "a capela do sítio São José, lugar mais público desta ribeira".

Igreja N. Sra. da Conceição- Patriarca

A Fazenda São José deu origem ao Distrito de Patriarca, em clara alusão ao pai adotivo de Cristo. Entretanto o orago do templo que se construiu no século XVIII é Nossa Senhora da Conceição, homenageada na principal festa do lugar.



Planta - Patriarca 1880.

Casario - Patriarca

O casario de Patriarca remonta os primeiros anos da colonização do Vale do Acaraú. O casario de Patriarca remonta os primeiros anos da colonização do Vale do Acaraú.

Casario - Patriarca

Cercada por carnaubais, as casas de Patriarca conservam a volumetria das primeiras habitações coloniais. Quase todas se voltam para o nascente à cata dos ventos mais ligeiros.

Casario - Patriarca

O pé-direito é sempre baixo. Duas ou três janelas e mais uma porta vazam as fachadas singelas das casas que se conjugam. O alinhamento das suas cumeeiras é marcante, como se seus moradores se nivelassem por cima e acima da pequenez provinciana.

Durante a primeira metade do século XVIII era na porta dessa capela que se afixavam os editais da justiça de toda a região. Com a morte de Félix Linhares, em dezembro de 1723, a fazenda passou a ser administrada pelo sobrinho, Domingos da Cunha Linhares, casado com Dionísia Alves Linhares. O primitivo templo ruiu e foi reconstruído, em 1736, pelo Capitão Domingos Linhares.

As sesmarias eram subdivididas em fazendas de criação de gado. Algumas delas eram pontos de reunião de boiadas em viagem para as oficinas de salga nas ribeiras, ou pontos de encontros de comboieiros de carne seca e peles a caminho dos centros consumidores da zona canavieira.

Em 1702 Antonio da Costa Peixoto e Leonardo Ribeiro de Sá pediram ao Capitão Mor de Pernambuco data de sesmaria de terras na Ribeira do Goacaraú (Acaraú). Parte desta sesmaria formou a fazenda Caiçara que foi comprada por Antonio Rodrigues de Magalhães em 1728. O dito capitão possuía também terras nas Marrecas, localizada à margem direita do Acaraú, e terras defronte as da fazenda Pedra Branca (onde hoje se localiza o Campus da UVA) e Macaco que abrangia a Lagoa da Fazenda e terminava na atual Rua Maria Tomázia, onde ficava a casa de morada do proprietário.

Além desse aglomerado de fazendas o Capitão Magalhães também possuía terras na Ribeira do Camindé para onde se dirigia com regularidade pelos caminhos que ligavam a Caiçara a Baturité.

Mesmo antes da fixação do capitão na Fazenda Macaco já havia moradores nas fazendas vizinhas que se ocupavam da pecuária. Desta parte da Ribeira rumava o gado para o abate nas oficinas de salga da foz do Acaraú e retornava à Fazenda Caiçara feito charque embarcado em carros de bois para juntarem-se aos vaqueiros comerciantes do vale do Coreaú que também se ocupavam da carne seca.

Logo se formou na fazenda o Arraial ou POVOAÇÃO DA CAIÇARA, de onde partiam a reunião de charques, peles e bons animais de tração rumo a Santa Quitéria até o Campo Maior do Quixeramobim. De lá, após breve descanso e em grupo ainda maior que vinha do Piauí por Tauá, cruzavam a Serra do Pereiro para serem vendidos na zona canavieira da Paraíba e Pernambuco.

Mapa das Fazendas do Acaraú

O charque era lucrativo porque competia com o gado vivo que após longa caminhada que lhe reduzia o peso, era vendido por lá. A carne seca conserva o peso e o sal que lhe era aplicado servia-lhe de conserva. Ademais as reses do Rio Acaracú ou Acaraú tinham boa fama e eram conhecidas nas praças consumidoras como Gado Caracu.

O charque enriqueceu os pecuaristas que tiveram oportunidade de trocar sua mercadoria por produtos mais sofisticados em Recife e trazê-los pelo mar ou pelos caminhos das boiadas para serem apreciados na crescente Povoação da Caiçara. O vai e vem de carros de bois entre a Caiçara e Acaraú era incessante e deu importância a este ramal da Estrada Nova das Boiadas que ficou conhecido como Estrada da Caiçara. A Estrada da Caiçara seguia ao longo do rio Acaraú tanto pelas duas margens quanto pelo seu leito em tempo de estio.

A igreja foi também um fator importante na criação dos povoados. Encarregada do ministério dos sacramentos, da catequese dos índios e da contagem das almas, responsabilizava-se também pelas informações a serem relatadas ao rei. Os clérigos embrenhavam-se pelos caminhos do gado casando e batizando.

Em 1722, já com uma povoação incipiente, a Fazenda Caiçara se mostrava como ponto estratégico para sediar o recém criado Curato da Ribeira do Acaraú, pois as capelas que havia na Freguesia estavam a léguas da Povoação da Caiçara, que já era o núcleo populacional mais desenvolvido. As capelas mais próximas situavam-se em São José atual Patriarca), construída em 1718; uma, de difícil acesso, na serra da Beruoca (Meruoca) construída em 1728 e outra no Riacho dos Guimarães (atual Groairas), construída em 1723.

Para melhor proceder a seu mister o Visitador Geral de então, Padre Lino Correia, determinou que a sede do Curato seria na Fazenda Caiçara. Para tanto, pediu terras ao Capitão Antônio Magalhães que lhas concedeu em 1742 para o início das obras da Matriz, tendo passado a escritura somente no ano de 1757.

Os limites da Freguesia do Acaraú descritos pelo Cura João Ribeiro Pessoa em 1767 dão conta de pequenos caminhos que partem da costa norte mas não se adentram ao sertão, respectivamente a Picada do Castelhano e Picada do Itapajé. Os limites meridionais citam a Picada do Caiá, a leste, e a boca da picada do Quixeramobim a oeste. *(FROTA, 1971, P. 62).*

A promulgação do alvará régio de 7 de junho de 1757 evidenciava um crescente interesse do Governo Colonial na criação de vilas com a finalidade inequívoca de abolir a administração temporal dos jesuítas que já comandavam vários núcleos urbanos no Brasil derivados das missões de aldeamento e catequese. Alem desta, havia outra determinação registrada em Carta do Governador Geral de 29 de abril de 1761 que exigia que todas as novas vilas tivessem nome tipicamente português, o que levou a substituição de vários topônimos indígenas.

Fez-se a primeira matriz do Curato em 1746 que ruiu em 1762. Com a proibição do uso do altar portátil para celebrações em 1751, o fluxo religioso se inverteu. As pessoas desobrigantes passaram a visitar o templo ao invés do padre visitar os fregueses. Logo o povoado cresceu e em 1773 foi elevado à Vila Distinta e Real de Sobral, ganhando foros de Município.

Na metade do século XVIII correu um boato que havia ouro nos contrafortes da Serra da Ibiapaba. As minas inexistentes estariam entre a Serra dos Cocos (atual Ipueiras) e o Araticum (que tanto pode ser o distrito de Ubajara como também seu homônimo no Município de Ipu). Informações verbais de moradores antigos dão conta de exploração mineral em SÃO JOSÉ DO TORTO (distrito de Sobral criado em 1989). Tem-se notícia de um engenheiro encarregado da demarcação da Vila de Monte-Mor-O-Novo (Baturité) que participara deste El Dorado no Araticum. Trata-se de Custódio Francisco de Azevedo (1700-1784) que viera para a Serra dos Cocos em 1743 com uma equipe de mineradores.

Em 1776 existiam 105 fazendas em torno de Sobral. *(BARBOSA, 2000, p. 14).*

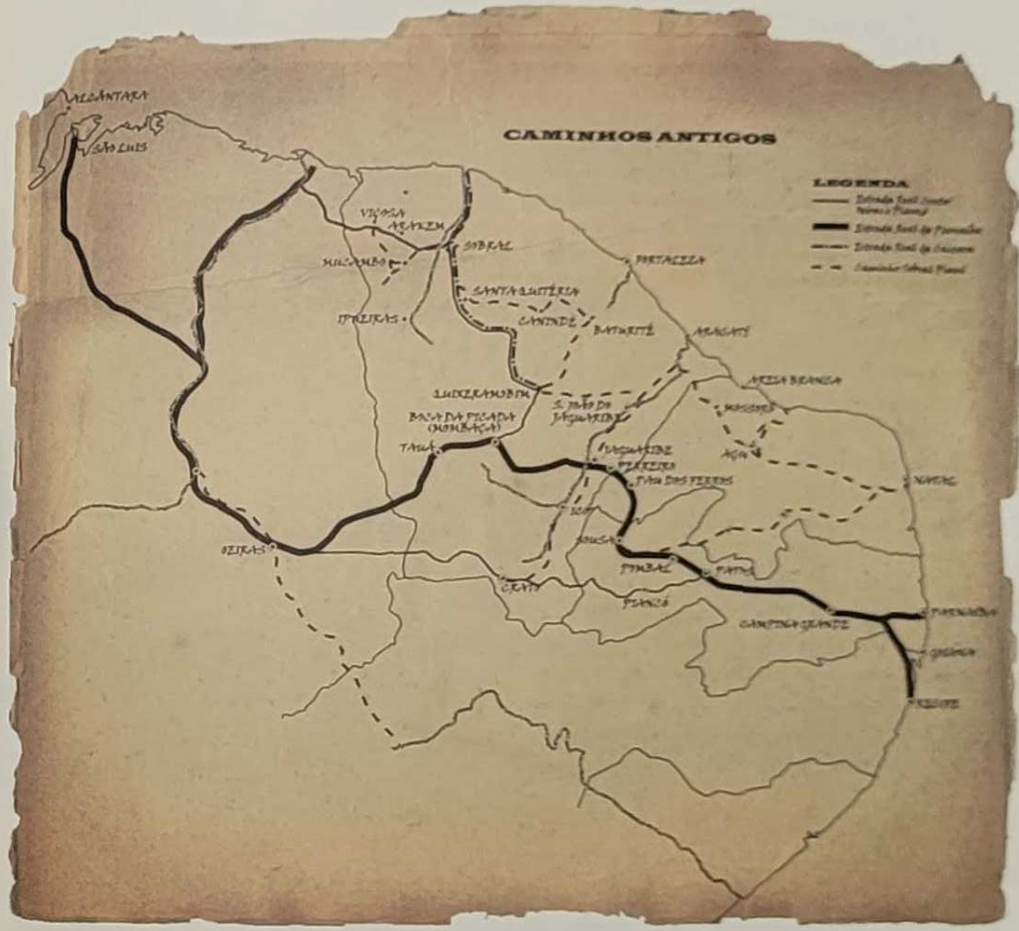
No Ceará em 1780, existiam 972 fazendas. O rebanho cearense cresceu de forma impressionante. Destacavam-se o gado Caracu, raça desenvolvida no Vale do Acaraú, e os cavalos dos Inhamuns que por sua famosa resistência prestavam-se bem à tração e montaria e eram quase todos vendidos à Bahia e Pernambuco. A exceção do gado dos Inhamuns, todo o rebanho era destinado à charqueada e courama.

Desta forma os centros das ribeiras do Acaraú e Jaguaribe, respectivamente Sobral e Icó, reuniam as boiadas que iam para o abate nas oficinas de salga do litoral (Acaraú e Aracati) de onde voltavam como carne seca e couros que, embarcadas por terra iam ser vendidos no Recife. De lá os comerciantes retornavam por mar trazendo outros gêneros para consumo local. Este ciclo Fazenda-Salgadeira-Consumidor gerou a Estrada Nova das Boiadas que, através de Quixeramobim, articulava os Vales do Acaraú e do Jaguaribe com as capitanias do Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco. Confunde-se com a Estrada Real da Paraíba o trecho que nasce em Sobral e passando por Santa Quitéria e Quixeramobim atinge a Serra de Pereiro em demanda de Natal e Campina Grande.

Exemplar 13918950

Casa de Fazenda - São José do Torto

As casas de fazenda do Torto, da Bilbeira e dos Olhos D'Água do Pajé têm em comum a simplicidade e a consolidação daquele estágio a que se reportava Capistrano de Abreu "Casas sólidas, espaçosas, de alpendres hospitaleiros".



Caminhos Antigos dos Gados

Até o final do século XVIII estes eram os principais caminhos que ligavam fazendas a Sobral e a outras plagas e que fomentaram o desenvolvimento de povoados alguns dos quais viriam a se transformar em sede de distritos.

A ligação de Sobral com as fazendas do Vale do Aracatiaçu já era feita no século XVIII, via Olhos D'Água do Pajé. A Picada do Itapajé que conduzia ao farol do Itapajé na quebrada do mar, provavelmente, prosseguia em busca do rio Aracatiaçu, cujo caminho da ribeira passava por CARACARÁ e terminava em São Bento da Amontada.

Caracará fazia parte de um caminho secundário entre Sobral e Santa Cruz da Uruburetama (hoje Itapajé) que costeava a Serra de Uruburetama passando pelo Barriga e Saco Verde. Provavelmente, na segunda metade do século XIX, originou-se o povoado de Caracará a partir da fazenda do Sr. Angélico Aguiar, nos arredores da Igreja.

A igreja de Caracará tem uma composição neoclássica da sua nave principal. Provavelmente foi construída no final do século XIX. A nave lateral sugere uma torre que não chegou a ser erguida.

Em 1802 foi concluída a Estrada Real que liga Sobral a Fortaleza via Amontada e cruzava o caminho da Ribeira do Aracatiaçu seguindo para Soure (atual Caucaia). O Arraial Santo Antônio do ARACATIAÇU foi criado por Ato Provincial de 18 de março de 1843, inicialmente pertencente ao termo de Imperatriz (atual Itapipoca), depois ao de Uruburetama, em seguida São Francisco (atual Itapajé) e, finalmente a Sobral em 1943. Aracatiaçu chegou a ser elevado à categoria de Município em 1958, porém a Lei não foi homologada.

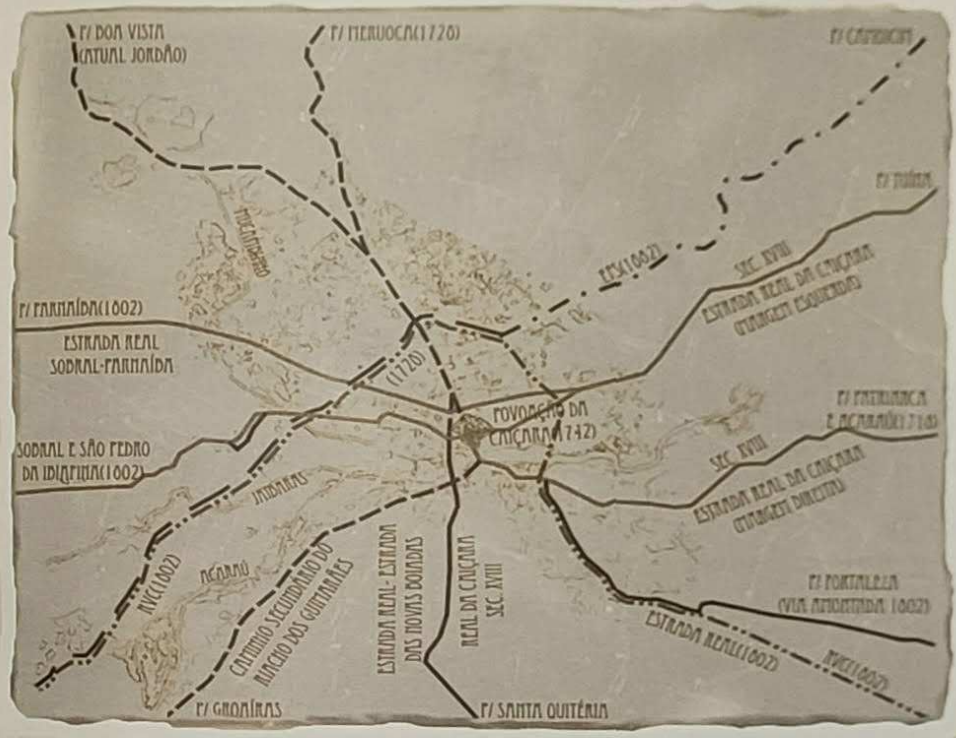
Embora já existisse no século XVII, a ligação de Sobral a Canindé intensificou-se somente no século XIX quando o santuário franciscano se consolidava como um importante centro de peregrinação.

As obras da Igreja de São Francisco se iniciaram por volta de 1775 e terminaram em 1790, envolta em histórias de apelo sobrenatural que sustentaram sua mística. A igreja original deu lugar à basílica atual cuja reforma foi concluída em 1890.

Partindo de Sobral em direção a Canindé chegava-se a Santa Maria da TAPERUABA, passando pelo Olho D'Água do Pajé. Taperuaba significa morada das andorinhas e refere-se a uma importante formação rochosa conhecida como Rocha da Andorinha que, possivelmente daria nome à família Rocha que fora herdeira das terras de Bento Pereira Viana cuja sesmaria abrangia os Olhos D'Água do Pajé e limitava-se com as terras de João de Mesquita Pinto, considerado o fundador do núcleo populacional chamado Santa Maria, sítio que vem de 1778.

A fazenda que deu origem ao povoado localizava-se às margens do riacho Bom Jesus medindo meia légua de comprimento ao longo de seu curso por 55 km de extensão, na ribeira de Aracatiaçu.

As terras de Bento Viana deram origem também à Fazenda da BILHEIRA, ponto médio entre as fazendas Santa Maria e Olho D'Água do Pajé. Da Vila do Sobral, passando pelo Pajé e por Canindé, chegava-se também a Montemor (Baturité) através da Ladeira da Pendanga, seguindo o riacho Capitão Mor, que liga a serra ao atual Distrito de Inhumporanga (Campo Belo), pertencente ao Município de Caridade.



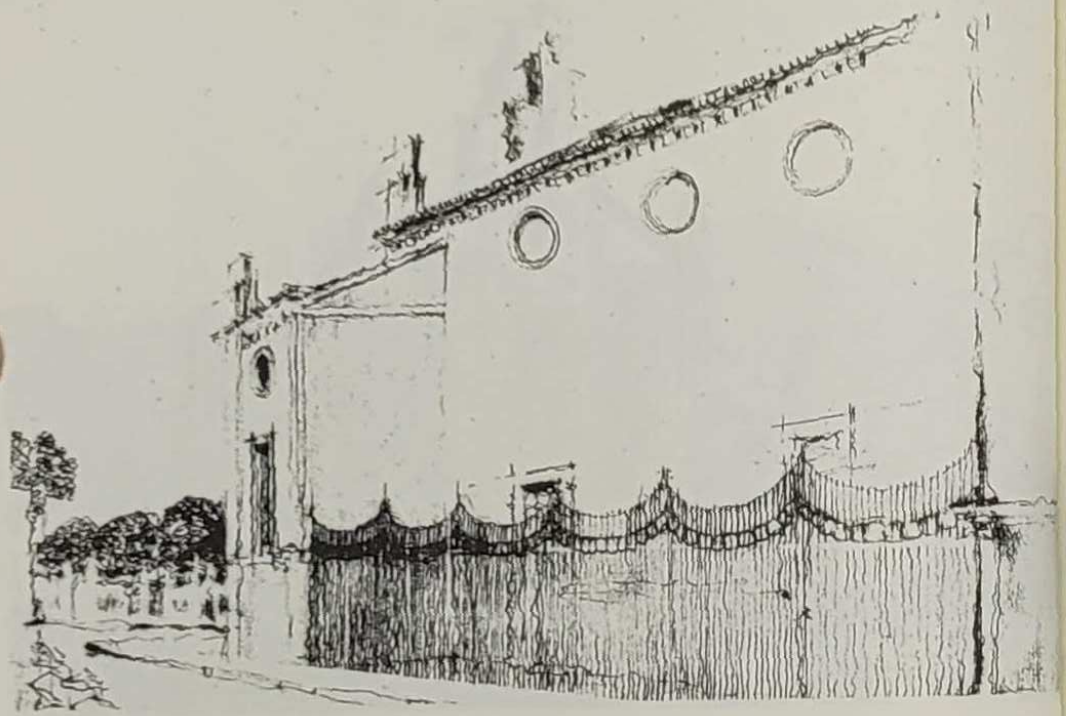
Caminhos das Estradas Reais

Aracatiaçu

O caminho principal que levava o viajante ao Aracatiaçu era o próprio rio. Hoje, os caminhos modernos nos fazem chegar ao coração da vila pelos fundos da igreja que, altaneira na colina, reserva uma surpresa agradável produzida pela espontaneidade do traçado urbano.

Igreja de Santo Antônio - Aracatiaçu

Quando o olhar se volta para a igreja, percebe-se o domínio arquitetônico daquele espaço. O largo que se forma, e não se acaba, defronte o templo não permite que o viajante deixe o lugar sem sentir a gravidade exercida pelo edifício. A parte central da fachada da igreja ainda guarda alguns traços do seu desenho original oitocentista, principalmente os frisos do arco abatido da porta principal. Alguns elementos Art Dèco como as pilastras que dividem os acréscimos laterais são todos do século XX.



Igreja de Santo Antônio - Aracatiaçu (Vista lateral)

As laterais da igreja conduzem o olhar de quem chega a Sobral pelos Olhos D'Água do Pajé.
Não há nada do outro lado da praça que se contraponha ao templo.
Dar as costas para a igreja é perder a vista no vazio do sertão.

Igreja - Aracatiaçu (Vista posterior)

Os acréscimos laterais e a sacristia dos fundos destacaram-se da nave central da igreja de Santo Antonio do Aracatiaçu . Chamam atenção os cunhais em estilo Art Déco.

Pedra da Andorinha - Taperuaba

Casa da Fazenda - Balbeira

A fazenda Balbeira foi desmembrada da fazenda Olho D'Água do Piqui, do Coronel Bento Pereira Vianna.

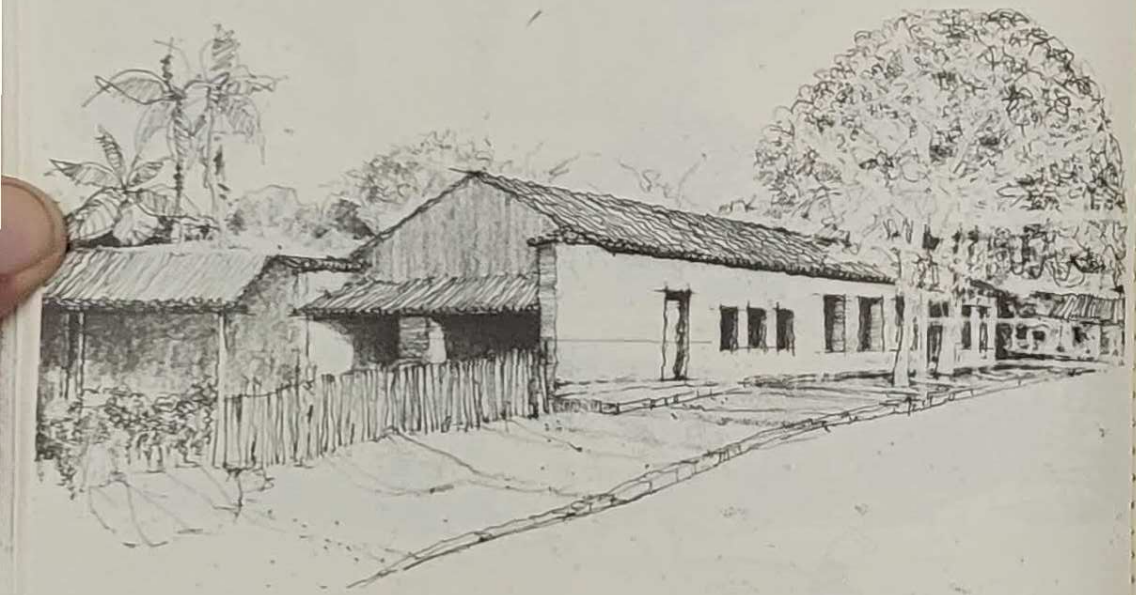
A casa da Balbeira era a metade do caminho entre as fazendas Olho D'Água e a Santa Maria da Taperuaba.

Casa de Fazenda - Bilbaira

A casa é provavelmente do final do século XVII, pois já se usava o pé-direito alto como solução de conforto térmico e alguns elementos decorativos como os pináculos na cumeeira, tudo isso denotando o enriquecimento dos pecuaristas devido ao charque vendido para a zona canavieira da Paraíba e Pernambuco.

Casa de Pedra - Olho D'Agua do Papi

A rocha era do Papi e o rio que passa perto também. Por ser um lugar mágico, com uma fonte de água quentinha, talvez fosse, por isso mesmo, a menina dos olhos claros D'Agua do Papi.



Casa - Rafael Arruda

Existiam ainda no século XVIII caminhos de gado radiais de Sobral para os campos do Jaibaras, cujas terras pertenciam a Ignácio Gomes Parente. Posteriormente, no início do século XIX, um caminho que ligava Sobral a São Pedro de Ibiapina pela ladeira do Taipú, *integrou o Jaibaras na rota* de comunicação com a Serra da Ibiapaba, aproximando de Sobral os lugares de São José do Torto e as fazendas do lugar Olho D'Água, onde hoje é o Distrito de Rafael Arruda, Município de Sobral. *Em 1802 foram concluídos os trabalhos da Estrada* Sobral-Paranaíba com três ramais, sendo um via Campo Grande (atual Guaraciaba), outro via Viçosa (tomando a ladeira do Acarape) e o último passava pela Fazenda Várzea Grande (futura Vila da Palma e atual Coreaú) e Granja, que incluíram em seu ramal as fazendas que deram origem aos núcleos que hoje formam os distritos de APRAZÍVEL e PEDRA DE FOGO.

As serras que circundam Sobral foram povoadas desde o século XVIII, começando pela Meruoca cuja capela data de 1728. Por este caminho chegava-se também à Povoação de Santo Antonio de Pádua, cuja capela data de 1742, atual distrito de Araquém, Município de Coreaú. Existe registro de colonização anterior a 1705, conforme Data de Sesmaria em favor do Ten. Manoel Dias de Carvalho e Félix Coelho, na qual aparece o Capitão Rodrigues da Costa Araújo como morador estabelecido naquela ribeira. A Serra do Rosário ligava-se a Sobral pela Bela Vista, hoje JORDÃO.

É provável que houvesse um caminho antigo que servisse de rota de fuga aos criadores das fazendas no sopé ocidental da Serra da Meruoca em demanda do Jordão, passando pelo lugar BARACHO e chegando à Sobral pelo Boqueirão do Mucambinho, cujo caminho já se sabe que existia no século XIX.

Esta suposição apóia-se na designação de um *lugar pertencente ao Distrito de Baracho, no Município de Sobral*, chamado Casa Forte. As casas fortes eram erigidas para dar proteção aos colonizadores contra os ataques dos nativos. Situavam-se geralmente em locais de topografia elevada, favorável à defesa e eram construídas de pedra e cal. Este parece ser o caso da localidade de Casa Forte na vertente da Serra do Rosário que tem vista privilegiada para a Serra da Ibiapaba (onde aldeavam-se os índios mansos na Missão Jesuítica que originou a cidade de Viçosa) e à relativa curta distância das fazendas da planície.

Caso houvesse hostilidade com os tapuias na planície, os colonos poderiam oferecer combate mais eficaz de cima da serra para onde fugiam. Existem apenas dois únicos registros de combates entre colonos e nativos no trecho entre as serras da Meruoca e Ibiapaba: o primeiro envolvendo a expedição de Pero Coelho em 1605 e 1606 que expulsou os franceses e seus índios aliados da parte da Ibiapaba que divisava o Ceará com o Maranhão daquela época e o segundo (contestado por vários estudiosos como sendo apenas uma lenda) travado pelo Frei Cristóvão de Lisboa em 1626 quando dividiu seu grupo na parte sul da serra da Meruoca. Desta lendária expedição existem referências sobre os lugares de Morro das Rolas e Ponta da Serra, próximos ao atual distrito de Aroeiras conhecido anteriormente como São Paulo, pertencente ao Município de Coreaú.

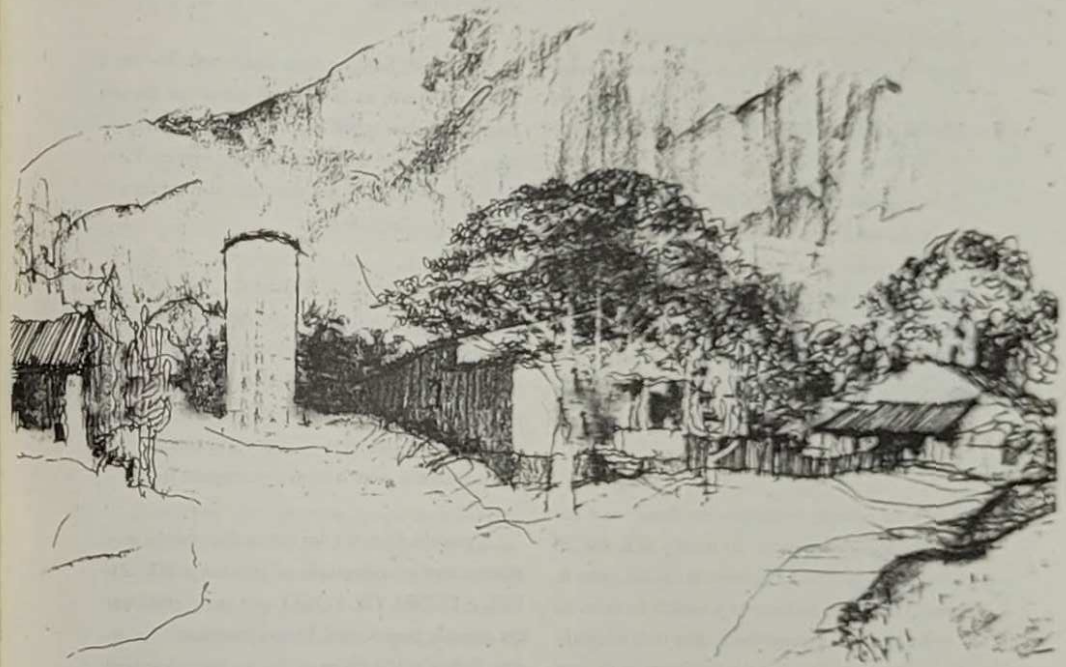
Igreja Jordão

Aos pés do frontão da Igreja que traz a data da construção 1897 espraia-se um pequeno adro que logo termina nas escadarias que descem para a rua principal do lugar.

Igreja Jordão

Construída em 1897 a igreja da Bela Vista, atualmente Jordão, está emoldurada por duas palmeiras como se fossem os castiçais que a natureza escolheu para velar por aqueles que não se emocionam com esta cena urbana. Em tuas escadarias a comunidade se reúne em um anfiteatro espontâneo e decide ser feliz.

Casa Forte - Barracho



Serra do Rosário - Boqueirão

O boqueirão formado pelas serras do Rosário e Meruoca, foi, provavelmente, usado como rota de fuga dos criadores de gado dos atuais distritos de Pedra de Fogo, Aprazível e Barracho contra os eventuais ataques indígenas oriundos da Ibiapaba.

III - AS PICADAS DO TELÉGRAFO

As estradas construídas pelo Império Brasileiro não foram muitas. Apenas três foram executadas como rodovias e todas se situavam em Minas Gerais, Rio de Janeiro, Paraná e Santa Catarina. As demais eram as picadas abertas para implantação do telégrafo ou as antigas estradas reais, abertas desde o tempo da colônia, cuja precariedade permitia somente o tráfego de comboio de animais, carroças e, quando muito, os carros de boi.

A comunicação telegráfica no Brasil teve início em 1852. Em meados do século XIX, das 20 províncias brasileiras 13 já estavam ligadas entre si. Quando não acompanhava uma estrada de ferro ou um caminho reto pré-existente, uma rede telegráfica, via de regra, demandava a implantação de uma picada que a acompanhasse a fim de lhe assegurar a manutenção.

A inauguração do telégrafo entre Sobral e Fortaleza deu-se em 1883. A Picada do Telégrafo, logo perdeu esse nome, pois foi alargada com o tráfego que se seguiu de Sobral passando por Santana, São Bento de Amontada, Itapipoca, Riacho da Cela (Umirim), São Luís do Curú, Soure (Caucaia) até alcançar Fortaleza, tornando-se um caminho conhecido para Fortaleza.

Em 1884, Sobral estava ligada pelo fio com a Ibiapaba através de Ibiapina. A estrada do fio para Ibiapina passava pelos lugares onde hoje se encontram os distritos de Aprazível, São José do Torto, RAFAEL ARRUDA em demanda de Mucambo e Caiçara até subir a serra.

Integrando a Picada do Telégrafo, em 1918, o Presidente do Ceará, sobralense, João Tomé de Saboya e Silva, mandou construir uma estrada de rodagem ligando a Vila da Palma (Coreaú) a Sobral com um ramal para Mucambo e Caiçara. Importante não confundir este lugar - Caiçara-, já nos contrafortes da Ibiapaba, com o lugar que originou Sobral.

A estrada passou a ter maior importância econômica com a produção de cal próxima a APRAZÍVEL e PEDRA DE FOGO, cuja maior produção era escoada para Sobral. O entroncamento dos ramais Sobral e Mocambo se deu no lugar Aprazível possibilitando seu desenvolvimento e dos futuros distritos de Torto e Rafael Arruda.

Alguns desses caminhos foram embriões das estradas de rodagem que se construíram no século seguinte.

IV - A ESTRADA DE FERRO

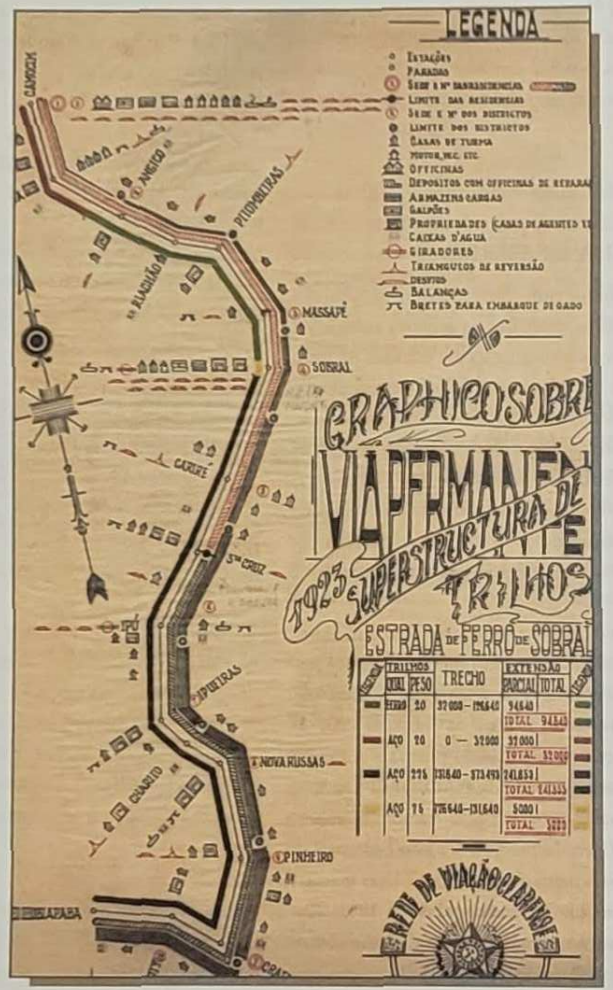
O mais importante fator de desenvolvimento de vilas e cidades cearenses na segunda metade do século XIX foi à implantação das estradas de ferro de Baturité e de Sobral. A primeira desarticulou o binômio comercial de Icó e Aracati, marcando a superação urbana da Capital Fortaleza em relação às demais cidades da Província. A segunda permitiu o ingresso de Sobral na nova estrutura econômica que se montava em função do algodão exportado em um favorável momento nacional e internacional.

A decisão da passagem por Sobral de uma estrada de ferro oriunda do porto de Camocim foi polêmica na época. Havia uma forte defesa para que seu traçado costeasse o sopé da Ibiapaba além de um outro traçado que partia do porto de Acaraú e seguia por Santana e Vila da Palma (atual Coreaú). Graças às boas ligações da elite econômica sobralense com a Corte Imperial, o traçado contemplou Sobral que viu a maria-fumaça Rocha Dias inaugurar sua estação em 31 de dezembro de 1882. Antes da inauguração já havia tráfego cargueiro entre Camocim e Sobral desde julho de 1881.

A obra da Estrada de Ferro de Sobral foi iniciada em 1878. Partindo de Camocim passava por Granja, onde cruzava o rio Coreaú sobre uma belíssima ponte metálica.

Continuando o trajeto em demanda de Sobral a linha férrea alcança a povoação de Angica (Martinópole), Riachão (Uruoca), Olho D'Água dos Picos, na fazenda Pitombeiras, cuja parada do trem, inaugurada em 1881, recebeu o nome de Senador Sá, que pertencia ao Município de Massapé, emancipando-se em 1957.

Em seguida o atual município de Massapé teve sua estação de 2ª. Classe inaugurada no final de 1881, o que fez o povoado desenvolver-se e desmembrar-se do Município de Santana em 1897. Santana, por sua vez, fazia parte do Município de Sobral até 1862.



Estradas de Ferro de Sobral 1923.

Subdivisão da Freguesia do Acaraú

INAUGURAÇÃO DAS ESTAÇÕES DA ESTRADA DE FERRO

Estação	Data de inauguração
Camocim	15-01-1881
Granja	15-01-1881
Angica (Martinópole)	14-03-1881
Pitombeira (Senador Sá)	21-06-1881
Riachão (Uruoca)	15-05-1894
Marapé	31-12-1981
Sobral	30-12-1882
Boa Esperança (Jaibaras, Município de Sobral)	30-12-1924
Cairé	01-09-1894
Santa Cruz (Reriutaba)	31-12-1895
Pires Ferreira	21-01-1925
Ipu	10-10-1894
Abílio Martins	05-08-1951
Ipueiras	01-05-1910
Charno	03-11-1910
Nova Russas	03-11-1910
Pinhoeiro (Sucesso)	01-01-1912
Santa Terezinha	11-11-1950
Canindé	12-12-1912
Paré	31-12-1916
Itaiçaba	01-09-1918
Oiticica	30-12-1932

Fonte: Cia. Ferroviária do Nordeste - CFN

Destacam-se os prédios das Estações de 1ª. Classe cujo projeto era elaborado especialmente para este fins. Estam elas: Camocim, Sobral, Ipu e Canindé. As demais paradas obedeciam a um projeto padrão, executado com simples adaptações.

A Estrada de Ferro de Sobral (EFS) foi arrendada pela firma Sobralense Saboya, Albuquerque & Cia. até 1910, quando foi substituída pela inglesa The South American Railway Construction Company Limited, que passou a administrar também a Estrada de Baturité, criando a Rede de Viação Cearense (RVC) que, posteriormente, teve o contrato rescindido passando a ser gerida pelo poder público federal. Em 1957, foi criada a Rede Ferroviária Federal S/A – RFFSA pela Lei 3115 de 16 de março.

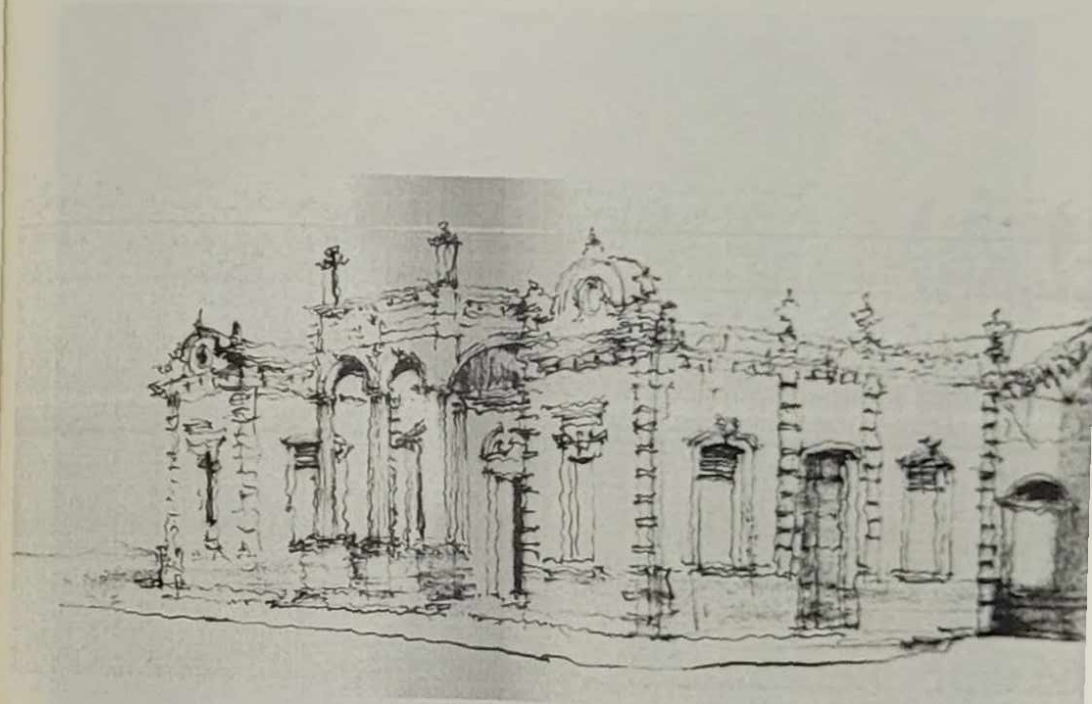
O prolongamento da Estrada de Ferro de Sobral – EFS buscava Canindé como ponto de entroncamento dos trilhos que seguiam para o Piauí, aproximando a passagem pelo vale natural do Rio Poty.

Por volta de 1917 – quando se inauguraram as estações de Barro Vermelho e Sousa (atual Caucaia) iniciando o Ramal de Itapipoca – já havia a intenção de integração das Estradas de Ferro de Sobral e de Baturité. Em 1919, a RVC iniciou os estudos do trecho Fortaleza-Sobral que foi inaugurado em 1950.

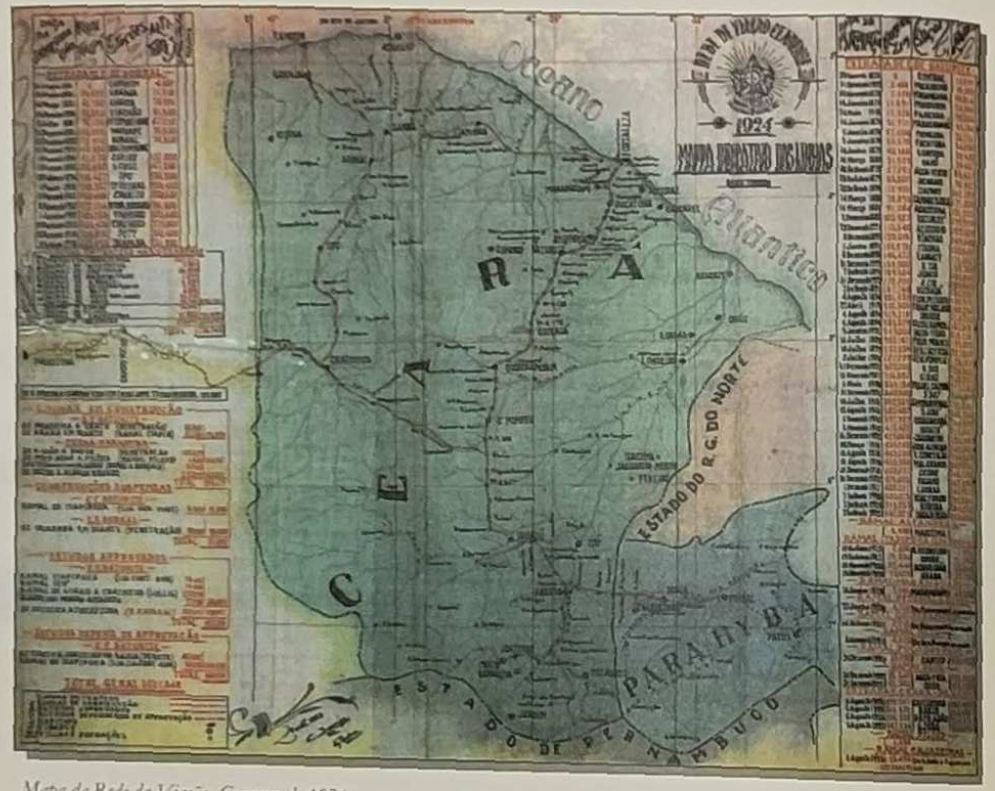
A EFS tinha casas à beira dos trilhos, no lugar chamado Recanto, que integra a zona urbana da Sede. Estas casas localizam-se em frente à fábrica de calçados Grendene, no Bairro da Expectativa. Substituindo a antiga Vila Recanto, formou-se ao longo dos trilhos após a desativação do ramal Sobral-Camocim, um assentamento espontâneo oriundo de uma invasão de sem-teto em 1998, com graves problemas de infra-estrutura. Na localidade o traçado dos caminhos e vias segue claramente a curva da antiga estrada de ferro.

Os trilhos da Linha Norte partiam de Sobral utilizando a ponte construída em 1935, com previsão de carga para o trem. O rio Acaraú e o desenho da Linha Norte estabeleceram os limites urbanos da sede de Sobral, definindo uma área semi-elíptica que convencionamos chamar de linha-trilhos.

Segundo informações colhidas com o Sr. Hamilton Pereira, antigo funcionário da RVC e filho de ferroviário que trabalhou no trecho sobralense, os trabalhos se iniciaram simultaneamente em Itapipoca e Sobral e encontraram-se em Cacimbas, no distrito de Caioca, Município de Sobral. Houve funcionamento do ramal já em 1948, mesmo antes de sua inauguração, pois não houve compatibilidade das agendas das autoridades federais para inaugurar o empreendimento a tempo. Portanto, mesmo que não houvesse o funcionamento dos trens, a implantação dos trilhos a partir da Estação de Sobral definiu seus limites urbanos, ainda na primeira metade do século XX.



Estação Ferroviária de Ipu-CE



Mapa da Rede da Viação Cearense de 1924

Os trilhos também influenciaram o desenvolvimento do DISTRITO DE CAIOCA, sendo responsáveis também por sua estagnação após a involução do transporte ferroviário do nordeste. Suas origens são bem mais antigas. O nome é do rio afluente do Rio Madeira que deságua no Rio Acaraú e nasce no serrote da Barriga, antiga serra da Cajoqua, conforme aparece na Data de Sesmaria do Ajudante Francisco Dias de Carvalho e Coronel Afonso Pires em 1706. A pequena povoação formou-se a partir da fazenda de criar, pertencente à Edna Pereira da Cunha, em 1776. O topônimo evoluiu para Caió e finalmente Caioca. Segundo Pompeu Sobrinho, poderá o nome Caioca vir de caa = mato e oca = casa (casa do mato), ou de cai oca - casa queimada; caioca - casa do macaco prego (cai).

A EFS passa pelo atual DISTRITO DE BONFIM, mas até hoje não se justificou a construção de uma parada. Em 1947, foi iniciada a construção de uma capela no lugar. O terreno foi doado por Trajano Rodrigues de Souza e media 110 metros em quadra. Esse terreno equivale a praticamente todo o atual distrito, o que reforça a teoria de que a igreja foi o fator de localização do povoado, que era conhecido como Várzea do Pinto. Em 1963 quando se tornou distrito recebeu a denominação de Bonfim.

Igreja de São José - Bonfim

V - AS OBRAS CONTRA AS SECAS

O primeiro registro de seca no Ceará foi feito durante a expedição de Pero Coelho de Souza em 1605 e 1606. Estas severas estiagens cíclicas não impediram o desenvolvimento da pecuária nos séculos XVIII e XIX, porque já estavam articulados os caminhos do Piauí que, em mais de uma vez, acudiu o Ceará na recomposição de rebanhos. Não havia controle pluviométrico, nem levantamentos censitários confiáveis. Media-se a intensidade das calamidades pelo número das vítimas que se podia contar, quer fosse gado, quer fosse gente. As piores secas foram: a de 1777 que reduziu a 1/8 os rebanhos bovinos e eqüinos; a de 1877-1880 que dizimou o gado e matou mais de quinhentas mil pessoas e a de 1915 que ceifou cerca de vinte e sete mil vidas de cidadãos cearenses.

Os primeiros estudos do Governo Imperial foram iniciados na primeira Expedição Científica de 1859, coordenada pelo conselheiro Freire Alemão, da qual fazia parte o engenheiro Raja Gabaglia, a quem foi encomendada uma planta de Sobral e plano de urbanização. As diretrizes do plano foram executadas através de piquetamento que balizou a malha ortogonal a partir do núcleo urbano já existente.

É evidente que o plano de ortogonalidade e o Açude Mucambinho foram executados. Entretanto, quanto à planta da cidade não se tem conhecimento de nenhum arquivo remanescente.

Em 1877, uma segunda comissão foi constituída resultando em diagnóstico e propostas de açudagem, prolongamento da via férrea de Baturité, observatório meteorológico, perfuração de poços artesianos, arborização e a derivação de águas do rio São Francisco para o Jaguaribe. A terceira comissão foi constituída em 1881, ficando conhecida por *"Comissão de Engenheiros"* e que propôs medidas mais específicas como a construção do açude Cedro em Quixadá (iniciado em 1890 e concluído em 1906), a barragem Paula Pessoa em Granja, além da de Lavras da Mangabeira.

Em 1904, tiveram início as ações mais coordenadas através da Comissão de Açudes e Irrigação, com sede no Ceará, sob o comando de Piquet Carneiro. Em 1906, agregando mais duas entidades federais sediadas do setor, foi criada a Superintendência de Estudos e Obras Contra os Efeitos das Secas. Em 1909, foi criada a Inspetoria de Obras Contra as Secas (IOCS, se transformado em IFOCS dez anos mais tarde, com adendo Federal em sua razão social) a qual estava encarregada dos projetos da estrada carroçável Sobral-Ibiapina. O órgão evoluiu sob diversos nomes e sobrevivendo a uma extinção, resultou no atual Departamento Nacional de Obras Contra as Secas – DNOCS criado em 1945.

A açudagem foi um importante fator de urbanização dos núcleos incipientes que já estavam articulados com as estradas que se formaram ao longo dos anos de povoamento dos sertões, caracterizando novos tipos de desbravadores: o engenheiro, o feitor de obras e o cassaco.

Os campos do JAIBARAS abrigavam algumas fazendas até que teve início a construção do açude que impulsionou o desenvolvimento do distrito. Localiza-se a 22 Km da cidade de Sobral, à margem esquerda do rio Jaibaras, afluente do Acaraú, barrado a alguns quilômetros acima pelo açude Aires de Sousa, Jaibaras, inaugurado em 06 de maio de 1936, tendo sido encarregado da construção o Engenheiro Abel Ribeiro Filho. A capacidade é de 104.430.000m³ tendo a bacia hidráulica 12.880 Km². A extensão da barragem é de 358m e sua altura 28,80 m. Conta com 100 Km de canais numa área de 100 ha, sendo que 65 Km foram executados no Governo Juscelino Kubischek entre 1956 e 1958.

Casa de Fazenda - Jaibaras

Às fazendas do século XVIII, rústicas e auto-suficientes, acrescenta D. José : "Tudo tintoma duma situação de maior fartura (...) que, no século imediato, caracterizará a aristocracia matuta, forcejando, sem o conseguir, por nivelar-se, igualar-se, à nobreza dos engenhos, vaidosa e ademanada".

QUADRO DA AÇUDAGEM PÚBLICA FEDERAL NO ESTADO DO CEARÁ
SISTEMA DO ACARAÚ – RELATÓRIO DE 1959.

AÇUDE	CAPACIDADE (em milhões de m3)	CONSTRUÇÃO	
		INÍCIO	CONCLUSÃO
Acaraú-Mirim	40,00	1900	1907
Aires de Souza (Jaibaras)	104,40	1932	1936
Araras	1.000,00	1952	1958
Bonito I	6,00	1920	1924
Caio Prado	2,21	1916	1917
Forquilha	50,13	1919	1921
Mocambinho	1,33	1889	1910
Poço Salgado	0,40	1920	1921
São Vicente	9,84	1919	1923
Tucunduba	32,00	1912	1919
Sobral	4,67	1919	1921
Serrote (Edson Queiroz)	250,50	-	1987

Fonte: DANTAS PINHEIRO, 2004

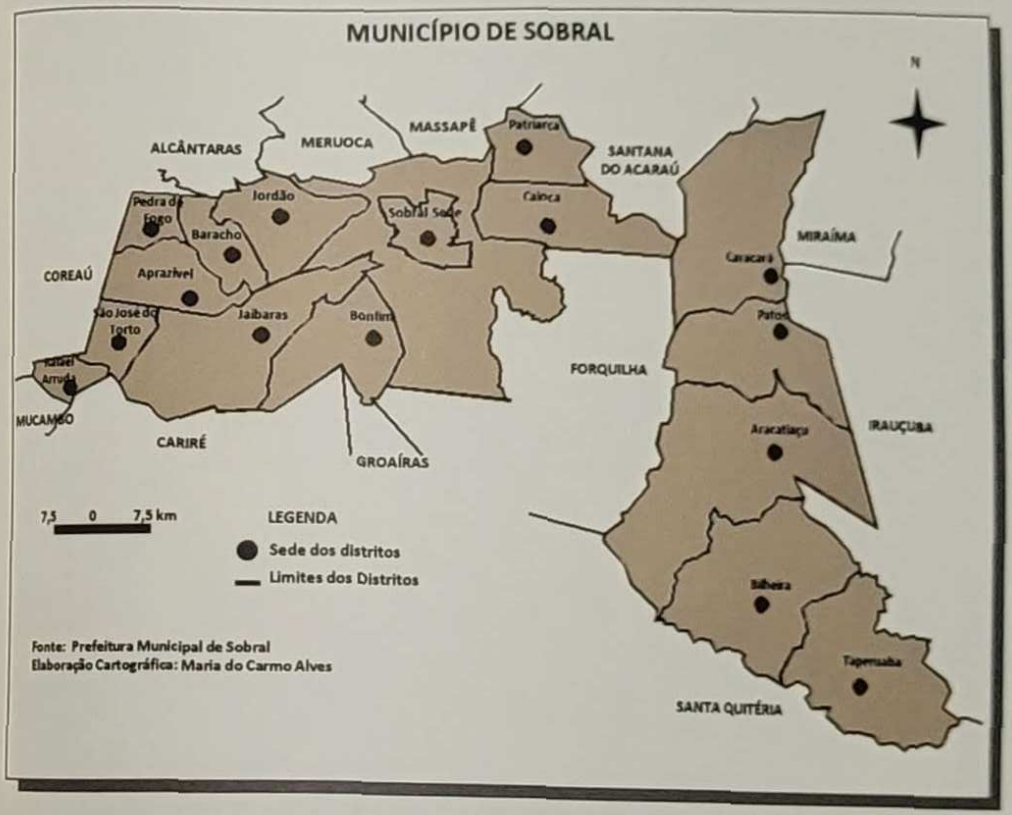
QUADRO DA AÇUDAGEM PÚBLICA FEDERAL NO ESTADO DO CEARÁ
SISTEMA DO ARACATIAÇÚ

AÇUDE	CAPACIDADE (em milhões de m3)	CONSTRUÇÃO	
		INÍCIO	CONCLUSÃO
Aracatiaçu	24,18	1920	1954
Patos	7,55	1915	1918 Reconstruído entre 1953 e 1956
São Pedro da Timbaúba	19,25	1911	1944
Santa Maria do Aracatiaçu	8,40	1920	1923 Reconstruído em 1955
São Gabriel	4,56	-	1965

Fonte: DANTAS PINHEIRO, 2004

A construção do Açude de Patos, barrando o rio Aracatiaçu em 1915, foi sem dúvida, o motivo da origem do distrito. Ainda existem moradores mais antigos que comprovam a inexistência de habitações no lugar antes do açude. Por ocasião das chuvas de 1924, houve o arrombamento do Açude Santa Maria no distrito de Taperuaba, que desaguou no rio Aracatiaçu causando sinisttro no Açude de Patos. Em 1953, com a reconstrução, o povoado teve novo impulso de desenvolvimento.

Assim como a localização de Sobral foi resultante da geografia favorável à pecuária do século XVIII, várias outras povoações emanciparam-se ou evoluíram para tornarem-se as atuais sedes de distritos do Município.



Sede dos atuais Distritos

Da Evolução da Sede de Sobral

Parte 2

Da evolução da sede de Sobral

I - DO GADO VEIO O COMÉRCIO

No século XVIII, o deslocamento do centro da economia do Brasil, da Zona da Mata para a região das Minas não viria a beneficiar o Ceará, cujo mercado de seu principal produto de exportação, o charque, parou de crescer. Apesar do novo ciclo econômico que se iniciava, o dinamismo comercial não sucumbiu. Várias vilas e povoados estavam implantados e formavam uma rede urbana articulada pelos caminhos do gado e seus ramais, que ligavam os empórios das principais regiões da capitania. No sertão cearense, duas cidades lideravam a economia: Icó e Sobral. Icó, na Ribeira do Jaguaribe, estava articulada com a próspera Aracati e com a Estrada das Boiadas que ligava o Piauí a Pernambuco. À época, Sobral polarizava um importante ramal da Estrada Nova das Boiadas, chamado Estrada da Caiçara, com relativa proximidade das oficinas de salga do litoral.

A situação geográfica de Sobral, próxima das serras e não tão distante do mar, permitiu que a população enfrentasse os efeitos da grande seca de 1777, que dizimou os rebanhos cearenses. A recém criada Vila Distinta e Real de Sobral (1773) manteve certo dinamismo, mesmo no tempo de estiagem, contava-se com a reserva sob o leito do Acaraú e com a provisão de alimentos da serra próxima.

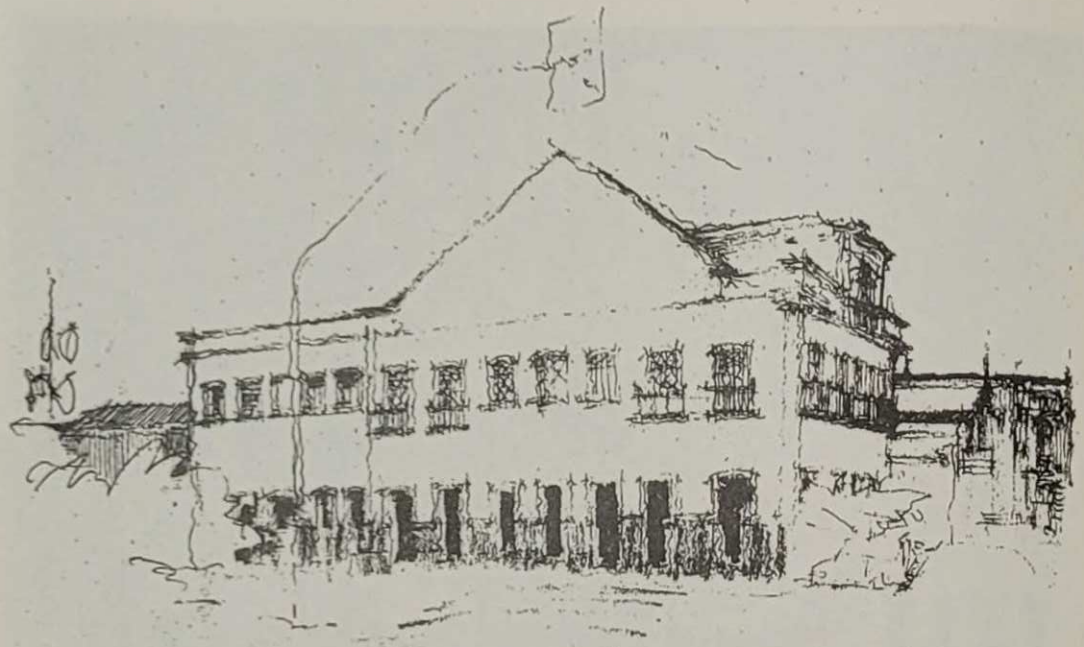
Atraídos pelo intenso fluxo de tropeiros, vários negociantes da região se instalaram na Vila de Sobral, dando segmento à mais característica das atividades econômicas urbanas: o comércio.

Existiam, neste período, dois núcleos urbanos: o da Matriz de Nossa Senhora da Conceição e o de Nossa Senhora do Rosário.

O primeiro foi formado em torno da nova Igreja Matriz (iniciada em 1778 e concluída a nave central em 1781), pois a original ruíra em 1762. Como já havia moradores antes da doação de terras para construção da primeira igreja e o fato de outra matriz estar em construção, a praça resultou em planta sem paralelismo entre o casario do nascente e do poente contribuindo para uma malha urbana de desenho espontâneo.

Ilustração - Comércio

Praça do Mercado - Sobral



Sobrado Radier, localizado na praça do antigo mercado

O segundo núcleo originou-se quando Vicente Lopes Freire adquiriu as terras e as doou para a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretinhos, composta por negros e mestiços, cuja igreja foi por eles construída entre 1759 e 1777, em torno da qual foram erguidas várias moradias.

Em 1795, a Irmandade comprou terras a oeste do templo, passadas em escritura que obrigava a construção de casas. O mesmo documento já mencionava algumas casas que foram erguidas desde a construção da capela. Era comum nessa época que o culto cristão dos homens negros não se desse nos templos dos homens brancos.

O mercado da carne era o principal local de trabalho de mestiços e negros na Sobral daquela época. Junto ao mercado, às margens do rio Acaraú, existia uma gangorra de pesar gado, daí o nome da Rua da Gangorra (atual Rua Dep. João Adeodato). Diariamente, os trabalhadores do mercado faziam o caminho a partir da gangorra até a igreja em redor da qual haviam construído suas casas. Este caminho ficou conhecido como Rua do Rosário (atual Rua Cel. José Sabóia).

Enquanto os trabalhos da nova matriz não eram concluídos, a igreja do Rosário funcionou como Matriz, passando a ser ponto de destino religioso dos chamados "homens bons", os brancos que formavam a elite política da Vila. Intensificou-se um caminho que ligava o núcleo urbano original à Matriz Provisória do Rosário. Este caminho trilhado pelos brancos ficou conhecido como Rua Nova do Rosário, enquanto o caminho original, mais usado pelos homens de cor, passou a ser chamado de Rua Velha do Rosário.

As disposições destas duas vias Velha e Nova formam um triângulo, que partindo dos seus dois primeiros vértices, que formam a Rua da Gangorra, paralela ao rio (respectivamente o núcleo original do povoado e o mercado), encontram o terceiro na Igreja do Rosário. O traçado aleatório da Vila se desenvolveu ortogonalmente a partir das Ruas Velha e Nova do Rosário, definindo a malha urbana atual do Centro.

Igreja do Rosário

Caracteriza-a, por ser de nave simples, uma torre e que não era comum à época. A volumetria é simples, regulamentada e decorrida rectangular da nave; onde, o único elemento de destaque é a frontão com linhas de inspiração barroca.

Casario no Sobral

Casario em Sobral

Casario em Sobral

Casario em Sobral

Àquela época, passavam por Sobral muitos dos que iam se refugiar das secas nas zonas litorâneas, e que usavam a Estrada da Caiçara. A vocação de entreposto comercial manteve a vitalidade do núcleo, que viria a crescer motivado pelo desenvolvimento da cotonicultura nos anos seguintes.

De fato, no final do século XVIII o Ceará experimentou uma grande mudança em sua base político-econômica. Em 1799, a Capitania foi finalmente separada de Pernambuco, abrindo-se, então, a possibilidade de comércio direto com Portugal. O algodão, cultura perfeitamente adaptada ao semi-árido, tornara-se matéria-prima altamente valorizada pela indústria têxtil mundial e o Nordeste Brasileiro experimentou um primeiro surto de exportação do produto quando, durante a guerra por sua independência (1761-1765), os Estados Unidos cessaram o fornecimento para a Inglaterra.

Embora Sobral nunca tenha figurado entre os grandes produtores de algodão, é provável que a cidade tenha sido uma das que mais se beneficiaram com a exportação do produto. Assim como ocorrera com a pecuária, Sobral teria funcionado como entreposto do algodão das redondezas que seria embarcado em Fortaleza e, mais tarde, em Camocim. Em 1802, foi concluída a primeira estrada ligando Sobral a Fortaleza. Aquela altura, havia a intenção de centralizar o comércio do algodão na Capital.

II - A ESTRUTURA URBANA DO INÍCIO DO SÉCULO XIX

No início do século XIX, a Vila de Sobral já mostrava uma atividade comercial típica da centralidade urbana. As trocas comerciais eram intensas, entretanto, moeda quase não havia e o escambo era prática comum. Apareceram na paisagem urbana os sobrados. No pavimento térreo funcionava a venda e os depósitos e em cima a residência. Seus proprietários eram comerciantes e pecuaristas. Aliás, não havia, por assim dizer, um comerciante que não fosse também pecuarista. Os sobrados foram edifícios importantíssimos, pois simbolizavam o poder da burguesia comercial em consórcio com a aristocracia pecuarista.

Os sobrados erguiam-se como importantes marcos da paisagem. Localizavam-se sempre nas esquinas, a maioria deles situava-se ao longo da Rua da Vitória (atual Av. D. José) e Rua Nova do Rosário (atual Rua Ernesto Deocleciano).

Os espaços urbanos que se formaram em Sobral trazem, por puro atavismo, o traçado das cidades medievais européias. O caminho que se faz do Largo das Dores em direção à Igreja do Rosário é uma miscelânea agradável de visuais resultante dos traçados irregulares das ruas estreitas e dos largos das igrejas, misturando-se com a ortogonalidade que juntou os dois primeiros núcleos da Vila. Lá a cidade é sensual, nunca se mostra por completo. As ruas terminam logo e convidam o *voyer* a experimentar outra nova paisagem que se apresenta a cada esquina, provocando o desejo de ver e de explorar a cidade. A verticalidade das igrejas domina os largos ensolarados e a dos sobrados, as esquinas sombreadas.

A dinâmica espacial da cidade mantinha a harmonia com as primeiras habitações. Os elementos da arquitetura colonial como o arco abatido, o beiral disposto sobre cachorros ou em beira-soberia, tinham o mesmo desenho das primeiras casas do povoado, ainda que os materiais pudessem ser diferentes. A madeira, que inicialmente era usada na estrutura da fachada, cedia espaço para a alvenaria que melhor se prestava àquelas soluções.

No antigo percurso entre a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição (atual Sé) e a igreja do Rosário, dois edifícios foram marcantes na definição da estrutura urbana da Vila: o Mercado e a Câmara. Em 1821 o Mercado Público implantou-se na Rua Nova do Rosário (atual Rua Ernesto Deocleciano onde hoje é a Coluna da Hora) atrás da Rua do Negócio (que já fora chamada nos primeiros tempos de Rua da Gangorra e Rua Grande, atual Rua Deputado Peri Frota).

O largo da matriz abrigou a Casa da Câmara e Cadeia em 1848 que o dividiu, reforçando a dinâmica da seqüência espacial de becos e largos que tornam Sobral uma cidade sui generis. A esta altura Sobral já havia sido elevada à categoria de cidade, em 1841, com o nome de Fidelíssima Cidade Januária do Acaraú, voltando a chamar-se, *no ano seguinte*, simplesmente Sobral. O título era meramente honorífico, pois em nada modificava a autonomia da Vila que já tinha foros de município, entretanto, *o valor simbólico do prédio da Câmara* se fortalecia no imaginário da população.

O Mercado Público foi, sem dúvida, o edifício mais importante deste período. Definiu o centro comercial da cidade. Por muitos anos influenciou o traçado urbano em seu redor até que foi substituído em 1935 pela praça da Coluna da Hora. Pode-se dizer que a dinâmica do Beco do Cotovelo foi resultado da sua polarização e o traçado em xadrez se desenvolveu a partir de sua implantação.

O caráter lúdico continuava presente no centro e fazia-se representar nas igrejas que, dominando quase sempre um largo à sua frente, concentravam a *população nos dias de festa*.

O comércio foi o propulsor da integração do tecido urbano sobralense daquela época, unindo os dois núcleos originais (Matriz e Rosário). A nova concepção de traçado ortogonal e a valorização dos espaços urbanos, marcados pelos edifícios públicos e igrejas que dominavam os largos e pelos sobrados nas esquinas, seriam o substrato das influências do requinte arquitetônico de uma nova classe social que emergia, a burguesia agro-comercial sobralense, que agregaria às suas terras as novas oportunidades do cultivo do algodão.

III - O ALGODÃO

O algodão promoveu uma mudança radical da economia cearense dos *meados e final do século* XIX. Nem todas as cidades que se destacaram com a indústria do charque souberam aproveitar tão bem o período favorável ao cultivo do algodão como fizeram os sobralenses. O apogeu de Fortaleza, que pouco tinha a ver com o gado, deu-se a partir do algodão que exportava. Aracati, que já fora importante entreposto comercial no período do gado, mantivera seu destaque na hierarquia urbana graças às exportações. Baturité, fornecia além do algodão, o café, que foi o principal indutor do desenvolvimento urbano da serra.

A produção sobralense, apesar de secundária em relação a outras regiões do Ceará, criou uma classe empresarial empreendedora. Surgiu em Sobral uma das primeiras indústrias têxteis do Ceará, seguida do transporte urbano de bondes puxados a burro, a iluminação pública e outros investimentos promovidos pelos industriais cotonicultores.

O sistema viário sofreu forte influência da linha de bonde, implantada em 1894 e que funcionou até 1918. A Empresa Carril Sobralense explorava o transporte de passageiros e de cargas. A linha de bondes saía da Estação Ferroviária em demanda do Largo do Rosário, passando pelo Mercado e chegando à Praça do Teatro São João; posteriormente, a linha foi expandida até à Cruz das Almas, no boulevard *onde hoje está o Arco do Triunfo.*

Além dos empreendimentos privados, Sobral recebia investimentos vultosos dos Socorros Públicos devido à grande seca de 1877. Graças às boas relações entre a classe dominante cearense e o Governo Imperial, iniciadas ainda pelos pecuaristas, com destaque para o Senador Paula Pessoa, Sobral foi contemplada com a construção da estrada de ferro, a Cadeia Pública e a estrada para a Meruoca. Além dessas obras, formou-se na própria cidade uma típica classe social abastada, cujo requinte se mostrou na arquitetura dos novos sobrados e no híbrido *"sobrado–casa térrea"* que o arquiteto Liberal de Castro chamou de *"Oitão Enobrecido"*. O Teatro São João é outro bom exemplo deste período de fausto.

A valorização dos espaços urbanos ganhou força com o aparecimento dos *"oitões enobrecidos"*, um estilo tipicamente sobralense. Essa terceira fase de sobrados tinha um desenho erudito e imponente. Alguns edifícios eram revestidos de azulejos. Localizavam-se preferencialmente nas esquinas e abriam-se em "oitões" para as ruas travessas. A harmonia do conjunto arquitetônico alcançou nesta época sua fase de maior esplendor.

Patronato

Os "oitões enobrecidos" são, com certeza, as construções mais importantes arquitetonicamente da cidade de Sobral. Alguns deles revestiam-se de azulejos portugueses já industrializados, como é o caso do Solar Fernando Mendes, chamado Patronato Maria Imaculada.

A integração dos espaços urbanos era feita através da malha em xadrez de ruas largas que se intercalavam com becos estreitos e praças. Chama atenção a sensibilidade com que eram localizados os prédios públicos, que contribuíam positivamente para a paisagem.

O elegante casario, os teatros, dentre outras obras, são indicativos do nível cultural da classe dominante, bem como da sua preocupação em valorizar a localização destas edificações e, assim fazendo, integrá-las ao espaço maior, a cidade. Naquela época os espaços de lazer da classe social abastada, os teatros Apolo (1867) e São João (1885) se localizavam fora do centro, bem como o Prado, local onde se faziam as corridas de cavalo, situado em frente ao lugar onde se encontra hoje a Estação Rodoviária.

A Estação Ferroviária e a Fábrica de Tecidos eram os principais edifícios que definiam a estrutura urbana e estavam intimamente ligados à atividade algodoeira. A linha do bonde urdia esta trama, funcionando para dar suporte à produção e transporte de algodão e, ao mesmo tempo, e de forma secundária, servindo de transporte de passageiros.

As igrejas, neste período, não têm o mesmo papel que desempenhavam na estrutura urbana, entretanto, contribuíam significativamente para o novo desenho da paisagem. É dessa época o aparecimento das torres, que ficaram inconclusas no início da construção dos templos. Após a proclamação da República deu-se a separação do binômio Estado Igreja em 1891 que atenuou a sua importância no contexto simbólico da cidade, não obstante, elas continuavam como veículo de interação entre os membros daquela sociedade.

A classe empresarial sobralense daquela época era muito bem articulada com o governo imperial e soube capitalizar investimentos locais em um período de seca calamitosa. Apesar da estiagem local, o Brasil encontrava-se em crescimento econômico puxado pelas culturas do café, mais ao centro-sul do País; da borracha na Amazônia e do algodão no Nordeste. O café de sombra, plantado na Ibiapaba e no Maciço de Baturité, trouxe mais dinheiro para o Ceará do que o algodão que espalhava-se por todo o sertão.

Fábrica de Tecidos – Ernesto Deocleciano

A Fábrica de Tecidos Sobral, criada em 1895, construiu um anexo de lazer em desenho Art Nouveau ao qual todos chamavam de Cassino.

Ainda que inicialmente não houvesse um plano de articulação entre as primeiras estradas de ferro, a partir de meados do século XIX, foram implantadas ferrovias que partiam de um porto da costa brasileira em demanda do sertão. A primeira estrada ferro do Ceará partia de Fortaleza em direção a Baturité e a segunda ligava Sobral ao Porto de Camocim. Esse isolamento da malha ferroviária brasileira permitiu a ascensão de algumas cidades ponta de linha (como Mossoró no Rio Grande do Norte) e evitou que a economia sobralense fosse sufocada pelo rápido crescimento de Fortaleza que se consolidava como principal centro econômico do Ceará, suplantando Aracati e Icó. As estradas convergiam cada vez mais para a Capital cujo desenvolvimento era lastreado pelo algodão.

Foi neste período que ocorreu o apogeu sócio-econômico de Sobral. A cidade, que vinha perdendo sua posição na hierarquia urbana da Província para Fortaleza, experimentou as vantagens das atividades políticas e econômicas que se refletiam não só em uma vida sócio-cultural mais intensa para a cidade, mas, principalmente, na continuidade do desenvolvimento da sua estrutura urbana, atingindo uma qualidade espacial sem precedentes.

IV - A DIOCESE

No cenário sócio-cultural, a figura de Dom José Tupinambá da Frota, o primeiro bispo de Sobral, veio reforçar as aspirações aristocráticas da classe dominante sobralense. De uma personalidade empreendedora invejável, o bispo construiu obras arquitetônicas que foram estrategicamente dispostas na cidade e deixavam simbolizado no imanente o poder transcendente da Igreja. A atuação da igreja na paisagem urbana de Sobral ia além da catequese e da construção dos templos. Reformas em sobradões novecentistas, construção de colégios e muitas outras instituições, traziam sempre uma elegante composição neoclássica, fruto, sem dúvida, da atmosfera italiana em que fora educado Dom José, idealizador de todas estas obras.

Aluno brilhante no Vaticano, ainda como vigário, Dom José já empreendia obras que valorizaram a urbe sobralense. Tudo leva a crer que Dom José projetou Sobral como um príncipe faria em seus domínios. Localizou prédios de forma estratégica, marcando a presença da igreja em todos os pontos focais da cidade. O Seminário Diocesano (atual Universidade Vale do Acaraú) e a Santa Casa estavam localizados em sítios diametralmente opostos e periféricos da cidade, próximos às duas fábricas mais importantes da época, CIDAO e Fábrica de Tecidos. Já existiam as respectivas vilas operárias naquela época e a instalação destas obras conquistava a admiração da população que aos poucos confirmava a figura de Dom José Tupinambá da Frota como líder inconteste e sua deificação no imaginário popular. Hoje, estes dois pontos (UVA e Santa Casa) são claramente os principais vetores de expansão da área central de Sobral.

A lógica urbanística que determinava a locação dos edifícios diocesanos, tinha como eixo a então Av. Senador Paula Pessoa e hoje apropriadamente denominada de Av. Dom José e o Boulevard Pedro II (atual Av. Dr. Guarany). Ao longo da então avenida Senador Paula Pessoa o bispo localizou sua residência, reformando com rica arquitetura neoclássica o antigo Sobrado do Senador que dava nome à avenida, transformando-o em Palácio Episcopal, posteriormente cedido às Filhas de Sant'Ana para funcionamento de um colégio para moças.

Vila Operária

Na primeira década do século XX foi construída pela Fábrica de Tecidos a primeira vila operária sobralense.

Colégio Santana - Av. Dom José

O então Senador do Império Francisco de Paula Pessoa, o Senador dos Bois, terminou de construir sua casa em 1836, à Rua da Vitória (hoje Av. Dom José). Uma reforma sob o traço do arquiteto João Sabóia Barbosa, em 1935, deu ao edifício um tratamento inspirado na renascença portuguesa.

Seu palácio mudou-se para o sobrado do Cel. Bandeira de Melo, na mesma avenida, reformado também por Dom José, desta vez com total respeito às diretrizes da arquitetura original, ampliando-o para abrigar o museu diocesano. Mais adiante, na mesma avenida, agora defronte a uma praça, implantou o Colégio Sobralense e o Abrigo S. Coração de Jesus. Como já foi dito, em extremidades opostas, estavam o complexo arquitetônico do Seminário Menor da Betânia e a Santa Casa de Misericórdia.

Nota-se que os principais pontos de articulação da estrutura urbana da época eram os prédios diocesanos. Existiam apenas dois automóveis naquela época em Sobral, um pertencia ao Dr. José Sabóia, *Juiz de Direito e proprietário da Fábrica de Tecidos* e outro à Diocese. Assim, Dom José, sempre de automóvel, partia do Seminário Menor da Betânia até a Santa Casa de Misericórdia, cruzava toda a cidade em direção às obras da Santa Casa, o que, naturalmente, chamava atenção da cidade pelo barulho do motor. Os seminaristas, sempre a pé e em fila dupla, também percorriam muitas vezes o mesmo trajeto em horários diferentes do Bispo. As procissões, que antecediam à Semana Santa e ao Corpus Christi eram espetacularmente elaboradas e tinham uma ligação indissolúvel com a cidade.

Tanto a cidade como os eventos eclesiásticos eram interdependentes e conduziam imagens italianas do Bom Jesus dos Passos, Senhor Morto e Nossa Senhora. A Procissão de Passos, por exemplo, tinha como clímax o encontro das imagens do Bom Jesus e de Maria ao lado do palácio do Bispo. De suas sacadas era proferido o Sermão do Encontro que virou tradição na cidade. Um espetáculo ímpar da cidade que alguns alcunharam (*com exagero, é certo*) de Micro-Roma.

A influência da Igreja era tamanha, entretanto, que se há de destacar as preocupações da Câmara Municipal com o desenho urbano, que em 1912, autorizou a elaboração de um projeto do perímetro urbano de Sobral. As influências econômicas não estavam ausentes do cenário urbano. As indústrias ligadas ao capital oleaginoso, que se implantaram no mesmo período áureo da Diocese, marcavam os contrapontos verticais da paisagem com suas chaminés e caixas d'água, juntamente com as torres das igrejas.

Av. Dom José com Frederico Gomes - Sobral

Capela do Abrigo Coração de Jesus

Há uma Praça em Sobral em que duas capelas foram construídas por D. José, ambas têm uma torre só. A primeira torre está no centro da fachada da capela do Abrigo Sagrado Coração de Jesus. A segunda torre está na esquina da capela de um colégio para rapazes – o Sobralense.

Capela Colégio Sobralense

Há uma Praça em Sobral em que duas capelas foram construídas por D. José, ambas têm uma torre só. A primeira torre está no centro da fachada da capela do Abrigo Sagrado Coração de Jesus. A segunda torre está na esquina da capela de um colégio para rapazes – o Sobralense.

V - OS PRIMEIROS CÓDIGOS DE POSTURA

A harmonia da paisagem urbana se prolongou até depois da década de 1930 , provavelmente mais devido à prática construtiva do que à rigidez da legislação urbana. Em 1903 havia em Sobral uma legislação municipal que tratava de parâmetros construtivos que foram integralmente aproveitados na redação do Código de Posturas de 1919.

Baseado na legislação fortalezense de 1893, o Código de Posturas do Município de Sobral de 1919 descrevia as dimensões dos elementos decorativos das fachadas como preconizava a boa técnica construtiva da época. Não havia inovação tecnológica significativa na construção civil do período colonial até então, muito embora se observasse uma maior liberdade na quantidade de aberturas das paredes demonstrando maior segurança dos construtores em relação à geologia, clima e ao uso dos materiais da região.

A legislação urbana era muito mais um registro do saber fazer dos edifícios ensejando uma padronização técnica aceita culturalmente pela sociedade brasileira. Esta legislação não tinha características essencialmente locais e vigorou até sofrer as influências da Semana de Arte Moderna de 1922. Não obstante as mudanças modernistas que se anunciavam na arquitetura paulistana dos anos 20, a legislação urbana ainda mantinha o rigor descritivo da técnica e da estética tradicional em todo o Brasil.

Com a vitória da Revolução de 1930, o governo nomeou interventores para todas as cidades brasileiras. Novos Códigos de Posturas foram elaborados, muitos deles baseados no Código de Obras do Rio de Janeiro. No caso de Sobral, o Código de Posturas do Município de 1930 foi publicado alguns meses antes da vitória da Revolução e, portanto, não contemplava as inovações sobre as obras que o governo tenentista propiciou, ademais não se sabe se houve reforma da legislação local pelos interventores municipais. Desta feita, o Código de Posturas de Sobral de 1930 tomava como base os mesmos parâmetros construtivos do código de 1919, mantendo, assim, a harmonia do conjunto arquitetônico.

Observando-se o Código de Sobral na década de 1930 verifica-se que não havia limitação quanto aos vãos de janelas e sim quanto à altura mínima das envazaduras das paredes, incentivando pés-direitos mais altos:

"Art. 6° – os prédios que se tiverem de construir dentro do perímetro urbano serão térreos, assobradados ou sobrados e terão as seguintes dimensões:

a) Altura mínima entre a soleira e a linha da base da cornija 4m60;

b) Altura mínima de portas – 3m, de janelas – 2m, largura mínima das portas e janelas – 1m20;

c) Claros entre portas e janelas 0m60 e 1m;

d) Nas casas assobradadas as janelas terão 2m20 no mínimo acima da soleira do pavimento térreo;

e) A soleira de cada porta terá elevação acima da calçada ou passeio 12 a 20 centímetros;

f) A cornija terá 40 a 50 centímetros de altura e 20 a 25 de saliência;

g) A platibanda 35 centímetros a 1m de altura."

Como determinado na alínea G do artigo 6°, a obrigatoriedade da platibanda era uma inovação urbanística que vinha sendo usada desde o final do século XIX. A partir de 1932 os beirais foram praticamente extintos. Exemplares da primeira fase dos sobrados adotaram a platibanda com descida pluvial concentrada em bica feita de cano de ferro com acabamento em boca de jacaré. A proibição dos beirais facilitou a futura implantação da fiação elétrica, uma vez que bastava embutir a descida pluvial já concentrada na calha da platibanda e despejá-la ao rés do chão.

Os vazios das quadras ficavam nos quintais cujo acesso se dava a partir de um beco de servidão que interligava as travessas que, muitas vezes, coincidia com a drenagem natural. Os muros dos quintais fingiam o rítimo das envazaduras das fachadas de suas casas.

Na prática o que ocorria era o cumprimento das dimensões mínimas do Código de Posturas com o aproveitamento da altura das cumeeiras a fim de evitar infiltrações das empenas vizinhas. Os sobrados situavam-se nas esquinas, com suas fachadas voltadas para as ruas principais e os oitões nas vias transversais ou travessas. Tudo contribuindo para a homogeneidade do conjunto arquitetônico que reservava as melhores visuais aos edifícios definidores do topo da hierarquia social urbana.

"Art. 12° – Os proprietários de terrenos nas praças e nas ruas iluminadas são obrigados a construir muros de conformidade com as posturas municipais (artigo 6° letra A), fazendo logo os passeios respectivos ou calçadas no prazo marcado pela Prefeitura".

VI - A INDÚSTRIA DE ÓLEOS

A nova ordem mundial, provocada pela Segunda Grande Guerra Mundial demandava a produção de óleo para indústria de tintas para uso naval dos Estados Unidos que, já no início do século XX, era das mais importantes potências econômicas. Para atender este mercado, a produção de óleos difundiu-se no Ceará tendo como matérias primas a oiticica e a mamona além do caroço do algodão.

Estando a China sob o domínio japonês, o Ceará preencheu uma lacuna deixada pela produção chinesa do óleo de Tung no fornecimento de óleo secativo de oiticica para indústria de tintas com fins anticorrosivos e anti-incrustantes. Naquele momento o óleo de oiticica poderia ser usado em subsituição ao óleo de Tung e o único lugar do mundo apto a produzi-lo no tempo hábil era o Estado do Ceará. Também o óleo de mamona teve importante papel sendo usado na aviação e em outros veículos da máquina de guerra aliada.

Sobral mais uma vez beneficiou-se de uma conjuntura externa favorável economicamente, destacando-se das demais cidades do sertão cearense enquanto Fortaleza ratificava sua posição de acelerado crescimento.

A atividade industrial que influenciou a estrutura urbana sobralense estava ainda ligada fortemente ao algodão e ao extrativismo. Em 1921 implantou-se em Sobral a Companhia Industrial de Algodão e Óleo – CIDAO, com arquitetura arrojada, telhado de zinco com grandes inclinações, destoantes do que se via na cidade até então. Em frente à fábrica foi construída uma vila de bangalôs para os executivos iniciando um estilo inspirado no Mission Style norte-americano, em voga na Califórnia, difundido a partir do cinema.

A infra-estrutura urbana ali implantada e a vila operária da fábrica de tecidos, no extremo oeste da cidade, criaram dois núcleos populacionais que demandavam o centro e acabaram por definir os principais vetores de expansão da cidade na primeira metade do século.

Indústrias de oleaginosas surgiram em outras cidades do Estado, principalmente na capital. Fortaleza crescia muito mais rapidamente que as cidades que outrora foram os principais empórios regionais. A malha viária que servia ao escoamento da produção, expandia-se a partir de Fortaleza que consolidava cada vez mais sua hegemonia na rede urbana cearense. A influência econômica da capital sobre as cidades mais importantes do Estado era avassaladora.

Como disse o arquiteto José Liberal de Castro, Sobral foi o *"último baluarte estadual a integrar-se". (CASTRO, 1977, P.39).*

"A rede rodoviária recém-implantada escolheria a Fortaleza como um dos seus pólos nordestinos. A estrada aberta para o oeste, nos anos 30, logo atingira Sobral, envolvendo a velha e tradicional cidade em sua rede de influência regional, para atingir o Piauí e invadir o Maranhão". (CASTRO, 1977, P.36).

Sem muitas novidades na organização da planta das edificações, o Ecletismo apareceu em Sobral como estilo da moda. Os sobralenses, influenciados pela onda eclética vivenciada por Fortaleza, acolheram bem os modismos arquitetônicos da Capital. Destaca-se como exemplar arquitetônico deste período o Palace Club, palco de espetáculos sofisticados e das recepções mais luxuosas da classe industrial.

O ecletismo mimetizou-se muito bem com a arquitetura *art nouveau* e a paisagem urbana dos oitocentos. A busca por moradias integradas a um jardim lateral, fez com que a casa se descolasse do lote em pelo menos uma lateral, abrindo espaço para o verde e uma valorização da natureza. Essa foi a grande contribuição art-nouveau à forma de ocupação das quadras.

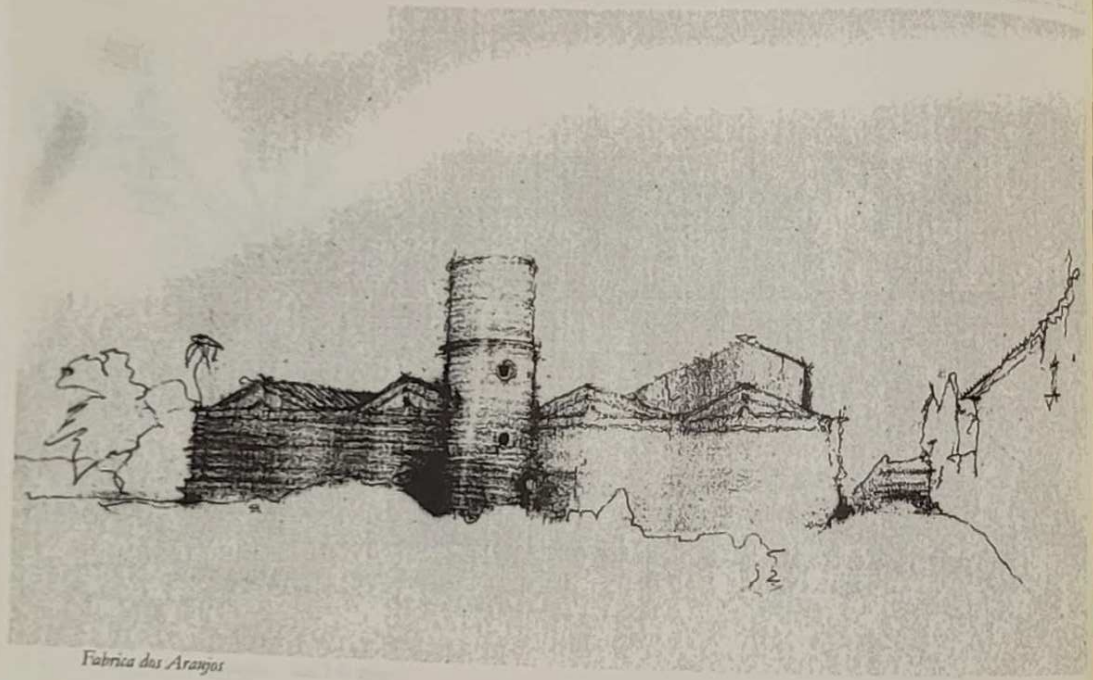
A influência *art nouveau* não ficou apenas restrita às fachadas dos edifícios, a busca pelo verde promoveu a arborização das ruas nos passeios e nos canteiros centrais recriando os bulevares. Uma pavimentação mais regular dos passeios foi implantada à custa dos proprietários por exigência do poder público, usando na maior parte das vezes o ladrilho hidráulico.

A paisagem urbana modificava-se ao longo do rio com a presença da Usina dos Araújos e a Fábrica Santa Emiliana, de propriedade de Oriano Mendes, que abastecia Sobral de energia elétrica a partir de seu gerador. Quem chegava a Sobral pela ponte sobre o rio Acaraú (construída em 1935) descobria a brancura do casario, das torres das igrejas do século XIX e das chaminés e caixas d'água das fábricas de óleos em primeiro plano. Toda essa silhueta emoldurada pelo azul da serra da Meruoca.

Antigo Palace Club

O Palace Club foi inaugurado como Grêmio Recreativo Sobralense em 1926. O projeto parece ter o desenho de um mesmo arquiteto, no caso o fortalezense João Sabóia Barbosa. O Palace é uma belíssima composição de arquitetura eclética e foi palco de espetáculos sofisticados.

Conjuto de Casas - Arquitetura Art Nouveau



Fabrica dos Araujos

A Usina de Beneficiamento de Algodão ficou conhecida como Fábrica dos Araújos. Os frontões são ritmados,lado a lado, fazendo o primeiro plano de moldura para o contraponto vertical, que não é a chaminé, mas um elegante castelo d'água que ainda hoje serve ao edifício.

Fabrica dos Araujos

A entrada da fábrica é na rua que vai para o rio. Chega-se a um pátio interno que serve de doca de carga e descarga, cuja plataforma é coberta por uma varanda apoiada em mãos francesas. O portão que dá para o escritório é de ferro, com belíssimo desenho Art Nouveau

VII - O BECCO DO COTOVELO

A discriminação social era percebida em Sobral, não só no Palace Club. Assim como em várias outras cidades brasileiras, o tecido urbano definia espaços de incluídos e de excluídos socialmente. Evidentemente, essa determinação dos usos dos espaços públicos não era escrita, mas fortemente induzida e assimilada, como, por exemplo, os dois lados da Praça Menino Deus, a mesma do Teatro São João. O footing dos ricos e dos pobres se davam na mesma praça que tinha uma via diagonal que lhe definia suas duas metades: a dos ricos e o passeio dos pobres.

Essa dicotomia social desaparecia quando se passeava pelo Becco do Cotovelo, a Ágora de Sobral. Alguns sobralenses gostam de grafá-lo com dois *"tês"*, dando-lhe nome próprio, Becco ao invés de beco. Seu nome oficial é Travessa do Xerez em alusão ao comerciante que, na primeira metade do século XIX, construiu seu sobrado na esquina daquele logradouro com a rua Cel. Joaquim Ribeiro.

O Becco formou-se no meio de uma quadra de desenho triangular. Este triângulo tinha como base um trecho do caminho para o Jaibaras, onde seria a antiga Rua da Vitória *(atual Av. Dom José)* e cujos catetos eram definidos pelas antigas ruas Nova e Velha do Rosário *(respectivamente ruas Ernesto Deocleciano e Rua Cel. José Sabóia)* formando vértice com a Igreja do Rosário. O encontro da travessa que partia ortogonalmente dos catetos deste triângulo formava um cotovelo no meio da quadra, daí o nome Becco do Cotovelo.

O Becco era um dos principais caminhos dos moradores do bairro do Rosário em demanda da Praça do Mercado. Era natural que este fluxo de pessoas ensejasse a vocação comercial da viela. Mas o que teria acontecido para que ela fosse se tornando a caixa de ressonância da política local? Uma hipótese a ser considerada seria que este fosse um caminho freqüente do Cel. Chico Monte, um importante político da época que morava ali perto. Chico Monte habitava seu sobrado situado à Rua Velha *(atual rua Cel. José Sabóia)* numa das esquinas transversais à Igreja do Rosário. É provável que o Becco fosse um dos seus caminhos naturais para o mercado e lojas adjacentes. Não seria difícil imaginar que ao sair de casa para o mercado, o Cel. Chico Monte se detivesse em conversas à sombra projetada dos oitões. As conversas dos políticos junto ao populacho eram estratégicas na propagação das notícias e dos boatos. Aos poucos, o espaço do beco (ainda não era O Becco) foi se adaptando à recepção dos cidadãos mais ilustres da classe política e, é claro, ao povo de um modo geral. Ali, posteriormente, surgiram cafés, livrarias, barbearias, os bancos do Brasil e do Nordeste, a casa lotérica e vendedores ambulantes.

Embora a iniciativa privada fosse ainda a principal orientadora do crescimento urbano, o poder municipal interferiu substancialmente no centro, quando transferiu o mercado para outro local. Em 1936 o prefeito Vicente Antenor Ferreira Gomes transformou o antigo mercado na Praça da Coluna da Hora. A Coluna da Hora ficou marcada no imaginário popular, entretanto, o Mercado Público era o mais representativo edifício do aparecimento do comércio em Sobral. O novo mercado não tinha a mesma qualidade arquitetônica do demolido.

A mudança do mercado não inibiu a dinâmica do Becco que já estava consolidado. Ao contrário, ele ocupou o lugar de coração do centro.

O Becco tem sido por muito tempo o coração da zona central da cidade. Ainda é, no caso sobralense, *"o índice revelador mais seguro de concepção das relações cidade-sociedade"*, como escreveu Manuel Castells. *(CASTELLS, 1976, p. 265-266).*

VIII - A PONTE OTHON DE ALENCAR

Nos anos 1930 a política de abertura de estradas de rodagem nos sertões do Nordeste era levada a cabo pelo IFOCS, como já relatamos anteriormente. A ligação ferroviária com Fortaleza avançava rapidamente. O trecho Sobral – Fortaleza estaria concluído com a construção da ponte sobre o rio Acaraú. A ponte foi construída entre 1932 e 1935 assinalando a chegada da centralização econômica de Fortaleza em relação às demais cidades cearenses e marcou o início do declínio da posição econômica de empório regional que Sobral assumia.

O trem era ainda o principal meio de transporte, tanto de passageiros como de mercadorias. Entretanto, os caminhões faziam o percurso por uma estrada sem pavimentação que passava por Santana do Acaraú, Itapipoca, Riacho da Sela (atual Umirim), São Luís do Curu, Soure (atual Caucaia) e, finalmente, após três dias de viagem, chegavam a Fortaleza. A estrada Sobral - Fortaleza só fora concluída em 1949.

IX - O INTRA-TRILHOS

O ramal de ligação entre as estradas de ferro de Baturité e Sobral, também chamado de Linha Norte, foi iniciado em 1917 partindo de Fortaleza rumo a Itapipoca. Inicialmente chamado de Ramal de Itapipoca, o projeto da Linha Norte teve início em 1919. As obras dos trilhos em Sobral, sob a responsabilidade do IFOCS, se iniciaram por volta de 1948 com o intuito de encontrar outra frente de serviço que vinha de Miraíma. O trecho saía da estação ferroviária desenvolvendo um arco em busca da ponte que fora construído em 1935 e assim definiram os limites físicos da cidade. A cidade, durante quarenta anos, desenvolveu-se entre a linha férrea e o rio Acaraú definindo o Intra-Trilhos, área equivalente ao atual Centro, que concentrou os principais investimentos públicos e privados.

O Intra-trilhos concentrou os maiores investimentos públicos e privados na área urbana, criando um fenômeno de otimização da infra-estrutura e valorização imobiliária, com características semelhantes às cidades européias, cujos limites foram definidos por muralhas, criando as valorizadas áreas do Intra-muros. Tanto Intra-trilhos quanto Intra-muros abrigam os centros originais de suas cidades.

Nos anos 80 a classe dominante romperia a barreira dos trilhos com a implantação do loteamento Colina da Boa Vista, com desenho orgânico e lotes com cerca de mil metros quadrados.

X - A ENERGIA ELÉTRICA

Em 1924 foi instalada a Companhia Industrial de Luz e Força, funcionado à Rua do Oriente (atual Rua Oriano Mendes, nome do fundador da usina) e em 1926, a partir de um gerador de 150 CV movido a "gás pobre" (querosene) passou a fornecer energia elétrica para iluminação residencial e pública. Em 1971 a Cia. de Fiação e Tecidos Ernesto Deocleciano possuía 2 turbinas que geravam cerca e 2.500 KW. Mesmo com a geração de energia elétrica, a força motriz das indústrias sobralenses ainda era o vapor, produzido pela lenha ou pela casca da extração de oleaginosas.

Em 1959, nos açudes Aires de Souza (Jaibaras) e Araras foram implantadas turbinas geradoras que produziam energia elétrica em suas portas d'água com potências de 300 e 6.000 CV respectivamente. As linhas de transmissão eram quase inexistentes.

Somente a partir da determinação governamental em buscar a energia elétrica a partir da Usina de Paulo Afonso na Bahia é que o Ceará teve possibilidades de desenvolvimento industrial significativo e compatível com a nova economia brasileira.

Quando a energia de Paulo Afonso chegou ao Ceará, o PIB estadual tinha sua maior participação no PIB brasileiro dos últimos 60 anos: 2,22%. Durante os cinco anos do chamado Milagre Brasileiro (1970-1975), o crescimento industrial dos demais Estados da Federação fez com que a participação cearense caísse para 1,29% do PIB nacional recuperando-se em seguida para 1,74% em 1986.

Em 1969 Sobral recebeu a eletricidade da Usina de Boa Esperança no Piauí viabilizando a implantação da Companhia Cearense de Cimento Portland, do Grupo Votorantin, que se instalara um ano antes, contando com energia própria que teria caráter suplementar com a nova rede de 230 KV. Em 1971 a energia de Paulo Afonso chegava a Sobral. No ano 2000 uma linha de transmissão de 500KV oriunda de Tucuruí passava por Sobral possibilitando seu rebaixamento dois anos depois.

Sobral está situada em um eixo de transmissão de energia que tem Boa Esperança (PI) e Tucuruí (PA) como fontes, além de estar interligada com a Usina de Paulo Afonso (BA). Isso traz a Sobral certa independência energética de fonte hidráulica, uma vez que as secas na Região Norte do País são mais raras que na bacia do São Francisco.

OS PLANOS DIRETORES DE SOBRAL

Parte 3

Os planos diretores de Sobral

I - O PLANO DIRETOR DE DESENVOLVIMENTO URBANO DE 2000

O primeiro Plano Diretor de Sobral foi elaborado em 1967, coordenado pelo geógrafo João Parente e pelo arquiteto Marrocos Aragão. Era composto de um volume de texto e três plantas, uma de zoneamento, código de posturas e outra de sistema viário básico. O exemplar de texto encontra-se ainda na biblioteca da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, porém sem os desenhos. Infelizmente, o plano virou letra morta.

A constituição de 1988 determinou que as cidades brasileiras com mais de vinte mil habitantes elaborassem seus Planos Diretores. Com exceção de Fortaleza, as demais cidades cearenses não dispunham de estrutura administrativa para implementar esta tarefa. Diante da inércia dos gestores municipais em iniciarem a elaboração dos seus planos diretores, em 1990, o Governo do Ceará iniciou uma política urbana para o Estado.

Sob a responsabilidade da então Superintendência Estadual do Desenvolvimento Urbano do Ceará – SEDURB foram redigidos termos de referência para elaboração de planos diretores para as principais cidades. Em parceria com o BIRD/Banco Mundial e o Governo do Estado do Ceará, foi lançado o PROURB, em 1996, com o objetivo de elaborar e dar início à execução da política urbana cearense escolhendo cidades pólo da rede urbana. Sobral foi uma das cidades escolhidas pelo Governo do Estado para ser objeto do projeto piloto destes Planos Diretores de Desenvolvimento Urbano - PDDU.

Em 1997 teve início uma nova Administração Municipal que caracterizou o final da oligarquia Barreto e Prado que dominara Sobral na segunda metade do século XX. Ao assumir o cargo, o então Prefeito Cid Gomes, teve do Governo do Estado o apoio necessário para implementar ações estruturantes que, embora tomadas antes da elaboração do Plano, estariam coadunadas com o PDDU como, por exemplo, a construção da nova ponte sobre o rio Acaraú ampliando a integração espacial entre os dois lados do rio.

O PDDU de Sobral foi elaborado pelo consórcio Fausto Nilo / Espaço Plano coordenado pelos arquitetos Fausto Nilo, Eduardo Araújo e Airton Ibiapina sendo aprovado em 01 de fevereiro de 2000. Aconteceram diversas reuniões com a comunidade onde foram consideradas sugestões que constituíram o Módulo Conceito, volume que contemplava todos os projetos estruturantes.

É importante destacar que em 1999 ocorreu o tombamento federal do Centro Histórico de Sobral, embasado em um levantamento criterioso comandado pela 4ª. Coordenação Regional do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, do qual participaram vários arquitetos, dentre eles, os autores deste livro. Esta determinação federal alterou uma das proposições do PDDU relativa ao projeto estruturante de uma Avenida Beira Rio, que também fazia parte do elenco de sugestões do primeiro Plano Diretor de 1967.

Uma revisão do Plano Diretor teve início em 2006, em parceria com o Governo Federal, através do Programa Monumenta, com um enfoque mais participativo, incluindo uma maior preocupação com os distritos e, principalmente, com a preservação do patrimônio histórico, suprindo, assim, estas lacunas deixadas pelo PDDU de 2000.

À guisa de conclusão

Escrever e desenhar a cidade é uma tarefa infinita e prazerosa, por isso, logo na introdução de O Lado Esquerdo do Rio, o autor já anunciava que aquele era um trabalho em andamento. Pelo mesmo motivo, Campelo não se contentou com seus livros (ou cadernos) de desenhos. Precisou publicar mais um e (quem sabe?) mais outro...

As observações sobre o recente processo de desenvolvimento urbano da sede de Sobral a partir da segunda metade do século XX serão objeto de um segundo livro, que considerará especialmente a dinâmica da política urbana que a cidade tem experimentado, notadamente, nos oitos anos de administração do prefeito Cid Gomes e na continuidade da gestão do prefeito Leônidas Cristino. Nestas gestões, pela primeira vez na história da cidade, os arquitetos vêm fazendo parte da administração municipal, exercendo seu mister na elaboração e execução da política urbana.

Um projeto nunca chega ao fim. O arquiteto é que resolve interrompê-lo em determinado ponto. Não como ponto final, mas como curvas que serão retomadas mais adiante.

DADOS SOBRE OS DISTRITOS

• APRAZÍVEL

Criação	• Lei Estadual 081/96
Edificações de Interesse Histórico	• Casa de Antonio Custódio de Azevedo
Manifestações Culturais e Religiosas	• Não houve registro dos moradores

• ARACATIAÇU

Criação	• Lei Estadual 1.153/51
Edificações de Interesse Histórico	• Igreja (1760) - passou por várias intervenções. Foi Paróquia em 1863 • A Gruta com N.S. De Fátima • Cristo Redentor • Antigo Mercado (Bastante Descaracterizado)
Manifestações Culturais e Religiosas	• Reisado • Festa de São Gonçalo • Quadrilhas • Festa do Padroeiro Santo Antônio • Festa de N.S. de Fátima

• BARACHO

Criação	• Lei Estadual 588/05
Edificações de Interesse Histórico	• Casas de Farinha em Casa Forte - Valério Carlos (1887) - no centro do Baracho - Vicente Pereira - em Boa Vista e em Baixa Grande. • Buraco da Botija • Casa Jose Leôncio de Andrade • Casa de Fco. Herculano de Mesquita • Igrejinha do Sito São José em Boa Vista.

Manifestações Culturais e Religiosas	• Festa de N.S. da Conceição – dezembro • Festas juninas • Paixão de Cristo • Festa de Santa Luzia – no Sítio Santa Luzia – dezembro.

• BONFIM

Criação	• Lei Estadual 6.482/63
Edificações de Interesse Histórico	• Igreja • Casa Manuel Afonso • Casa Chico Contenda • Casa Luciano Paiva • Casa João Pereira
Manifestações Culturais e Religiosas	• Festa de São José, o Padroeiro - agosto • Novena no mês de maio

• CAIOCA

Criação	• Lei Estadual 7.150/64
Edificações de Interesse Histórico	• A estação de trem
Manifestações Culturais e Religiosas	• Quadrilha • Festa de São Vicente

• CARACARÁ

Criação	• Lei Estadual 1.153/51
Edificações de Interesse Histórico	• Casa da Fazenda do Sr. Angélico Aguiar • Igreja e Casario do Redor
Manifestações Culturais e Religiosas	• Festa de S. Francisco • N.S. de Fátima em Picada • Vaquejadas da Sede, Sabonete e Picada.

• JAIBARAS

Criação	• Lei Estadual 1.153/51
Edificações de Interesse Histórico	• A Igreja de Sta. Tereza ou Coração de Jesus • A vila e o prédio do DNOCS
Manifestações Culturais e Religiosas	• A festa de Santa Terezinha - setembro • Festival de quadrilha – vem de outras localidades • Procissões na Semana Santa

• JORDÃO

Criação	• Lei Estadual 1.153/51
Edificações de Interesse Histórico	• A Igreja – 1897Casas de Farinhas – próxima ao açude, duas na Sede (Chico Camilo e Chico Dica), na localidade de São Francisco, as de João Jerônimo e Venâncio e em Santa Luzia a de Vicente de Paula • Cemitério dos Índios no Sítio Tanques • Cruzinhas na localidade Contendas • Cemitério na localidade Contendas
Manifestações Culturais e Religiosas	• Achado Fortuito: Urna Funerária Indígena • Festa N. S. da Saúde - Agosto • Festas Juninas • Procissão do Senhor dos Passos • Festa de Santa Luzia – Dezembro • Paixão de Cristo • Novena de Maio • Malhação do Judas

• PATRIARCA

Criação	• Lei Estadual 1.153/5
Edificações de Interesse Histórico	• Igreja • Casario no entorno da Igreja
Manifestações Culturais e Religiosas	• Festa da Padroeira N.S. da Conceição

• PATOS

Criação	• Lei Municipal nº. 395/03
Edificações de Interesse Histórico	• Vila da Construção do Açude • Casa de Enoc de Souza
Manifestações Culturais e Religiosas	• Festa de N.S. Fátima • Quadrilhas

• PEDRA DE FOGO

Criação	• Lei Estadual 598/05
Edificações de Interesse Histórico	• Casa Velha - Manuel Custódio de Azevedo • Casa de Fazenda - Francisco Barra de Albuquerque
Manifestações Culturais e Religiosas	• Festa de São João Batista

• RAFAEL ARRUDA

Criação	• Lei Estadual 1.153/89
Edificações de Interesse Histórico	• Casa do Sr. Rafael Arruda – em frente à igreja • Antiga casa de fazenda do Sr. Reinaldo Pimenta • Casa do Sr. Manoel Veras • Casa do Sr. José Mateus
Manifestações Culturais e Religiosas	• Festa de São Francisco – Setembro • Tecelagem de Rede

• SÃO JOSÉ DO TORTO

Criação	• Lei Estadual 111/89
Edificações de Interesse Histórico	• Casa do Jose Ribeiro Sobrinho – Francilino • Casa do Francisco Eustáquio – Mais antiga • Casa do José Lacerda – Parcialmente demolida
Manifestações Culturais e Religiosas	• Festa de São José – Rafael Arruda São José do Torto – Mês de Março.

• TAPERUABA / BILHEIRA

Criação	• Taperuaba: Lei Estadual 1.153/51 • Bilheira: Lei Municipal 681/06
Edificações de Interesse Histórico	• Casa da Fazenda Santa Maria • Igreja de Taperuaba e Casario ao redor • Sobrado da Rua Nossa Senhora do Carmo • Antigo Mercado • Casa da Fazenda Bilheira • Grêmio Recreativo • Casa Paroquial • Delegacia • Primeira Escola • Cemitério de Índios da Serrinha • Gruta do Bom Jesus – No caminho de Canindé • Furna • Olho D`Água do Pajé • Casa na Localidade Raposa
Manifestações Culturais e Religiosas	• Nossa Senhora do Carmo • Festa de Coração de Jesus • Reisados • Bumba Meu Boi – (Em Extinção) • Festival de Quadrilha • Carnaval • Vaquejada

Herbert de Vasconcelos Rocha, Arquiteto, graduado na Universidade Federal do Ceará – UFC, reuniu durante a *sua formação* acervo de *informações* urbanísticas que lhe propiciou concorrer nacionalmente ao mais importante certame da época para trabalhos de graduação, o "Opera Prima", obtendo Menção Honrosa com seu "Plano Urbanístico *para o Centro de Sobral*". *Este trabalho*, além de subsidiar o processo de Tombamento Federal do Centro Histórico de Sobral em 1999, baseou seu primeiro livro "O Lado Esquerdo do Rio" lançado em 2003. Voltou para Sobral, em 1991, *para iniciar seu próprio* escritório: Herbert Rocha Arquitetos.

Especializou-se em projetos industriais levando Herbert Rocha Arquitetos a ser o primeiro escritório de arquitetura do Brasil a receber certificado ISO9001.

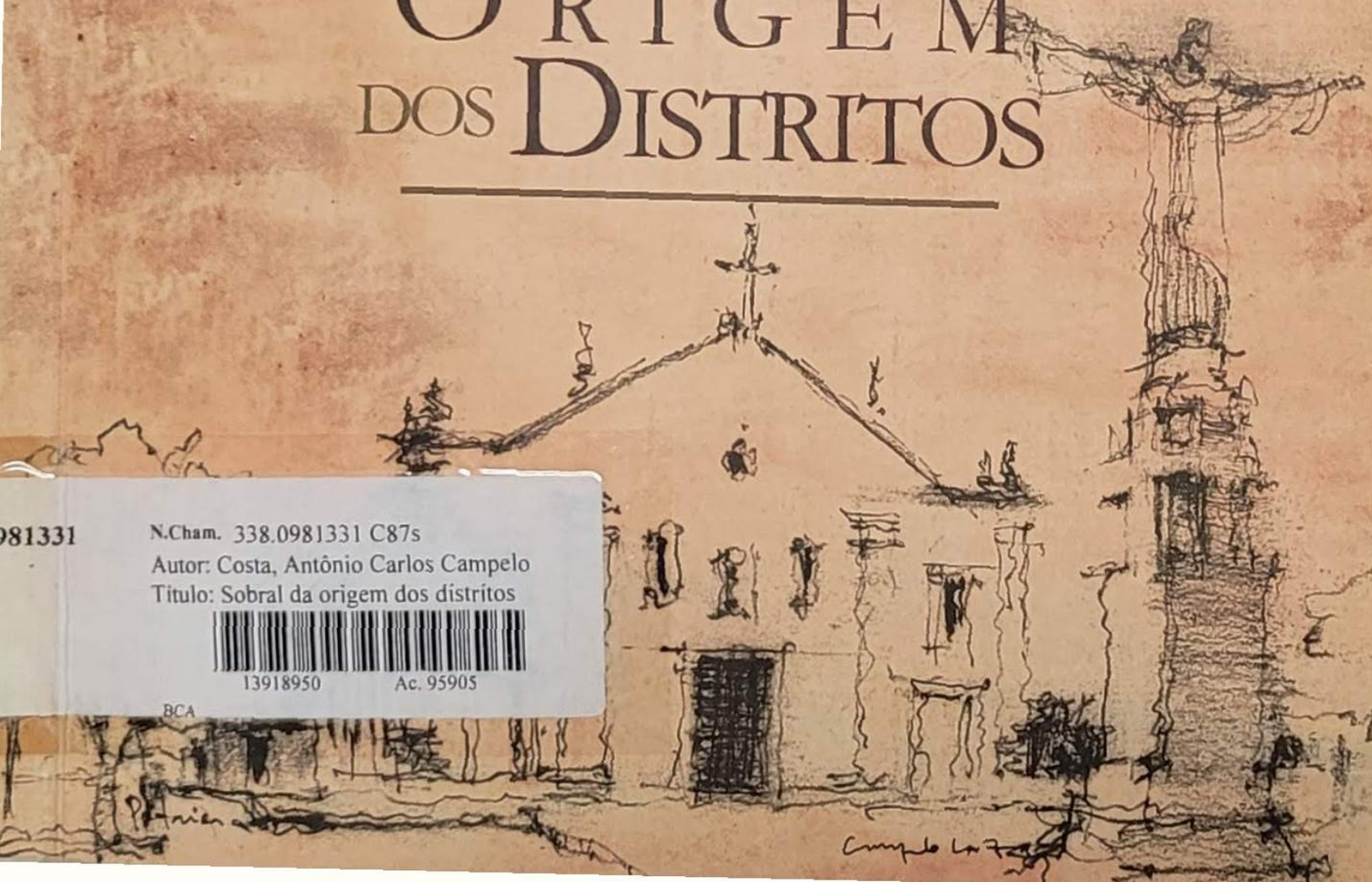
Em 2001 *assumiu a Secretaria de Desenvolvimento* Econômico e em 2003 a 2004 a Secretaria de Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente da Prefeitura Municipal de Sobral. Atualmente é Superintendente Estadual do Meio Ambiente no Ceará.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SOBRAL
Rua Viriato de Medeiros, Nº 1250 - 3º andar - Centro - Sobral, CE
CEP.: 62011-060 - Fone: 88 3611.1236 / 3677.1180 Fax: 88 3677.1299

9 788560 474042

ANTONIO CARLOS CAMPELO COSTA
HERBERT DE VASCONCELOS ROCHA

SOBRAL DA ORIGEM DOS DISTRITOS



981331
N.Cham. 338.0981331 C87s
Autor: Costa, Antônio Carlos Campelo
Titulo: Sobral da origem dos distritos
13918950 Ac. 95905
BCA

Antonio Carlos Campelo Costa, Arquiteto, Secretário de Planejamento e Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente de Sobral. Exerceu funções públicas em diversas instituições Municipais e Federais. Assim como, compôs e Presidiu Delegações do Instituto de Arquitetos do Brasil - IAB, a Congressos Internacionais realizados pela União Internacional de Arquitetos e Federação Panamericana de Arquitetos.

Como arquiteto autônomo ou em equipe executou projetos e obras no Ceará e em outras regiões do país, destacando-se os projetos de restauro, adaptação e requalificação urbana para Sítios Históricos Tombados no Âmbito Federal, nas Cidades de Sobral, Icó e Aquiraz.

Desenvolvendo também, projetos do mesmo caráter nas cidades de Quixeramobim, Massapê, Aracati e Limoeiro do Norte.

Entre as honrarias e premiações que recompensam o seu trabalho, ganham relevo Premiações no Salão de Abril em Fortaleza e Premiações em Concursos Nacionais e Internacionais de Arquitetura.

Recebeu diploma de reconhecimento outorgado pelo Governo do Estado de Morelos e a Federação de Colégios de Arquitetos do México, Medalha Boticário Ferreira outorgada pela Câmara Municipal de Fortaleza, Votos de Louvor e Mérito emitido pelo IAB, Sala Especial na 6ª Bienal Internacional de Arquitetura em São Paulo, 1º Lugar e Menção Honrosa na categoria Intervenção Urbana da Margem Esquerda do Rio Acaraú e da Biblioteca Pública Municipal, respectivamente, ambos de Sobral-CE.